



Entre Mulheres

**E.P.M.
assinala
o dia 8 de Março**



Sónia Chan, Subdirectora dos Serviços de Identificação de Macau, fala de si e do papel da mulher na R.A.E.M.

Arlinda Frota, mulher do Cônsul-Geral de Portugal, veio à E.P.M. relembrar a importância da data.

Centrais

Língua Oficial Chinesa em destaque

A escola celebra o Dia do Mandarim com poemas, pratos tradicionais e exposições.

Página 10



O Carnaval vestiu a máscara e os mais novos fizeram a festa

Página 13

Editorial

“*imagens que passais pela retina dos meus olhos, porque não vos fixais?*”

Camilo Pessanha

O homem tem medo de amar. As gentes, os animais, as flores, a escrita. Tem vergonha de sentir e de dizer. Os mais ousados ainda escrevem, os outros fogem das palavras. A palavra desperta os sentidos e amedronta a razão. E as imagens vão-se diluindo no éter.

Curioso será lembrar as máscaras desinibidas que em número elevado se exibiram na escola no dia de Carnaval, ou as cartas de amor assinadas por um pseudónimo levadas a concurso no dia de S. Valentim, ou mesmo as respostas anónimas a um inquérito sobre a frase, o presente e a canção mais românticos. Escondido pela máscara, o homem foi o seu herói, escreveu sentimentos e, entoando *My love* atrás de um ramo de rosas vermelhas, balbuciou *Amo-te*.

“Ó portugueses, disse um dia Sebastião da Gama, é tempo de torcer o pescoço ao *respeito humano*. Olhai que somos bons e talvez seja verdade que somos poetas” e isso não deve ser desprezado, mas antes manifestado. Até porque as imagens vão-se diluindo no éter.

Este foi um período fértil que nos deixou aqui na redacção todos de rastros. Não bastasse a loucura das aulas e dos

testes que se foram atropelando, a escola assinalou o Dia dos Namorados, o Dia do Mandarin, o Ano Novo Chinês, o Carnaval e o Dia da Mulher. Recebeu um grupo de alunos da Secundária Carlos Amarante de Braga, promoveu um Concurso de Máscaras e de Cartas de Amor e foi palco de exposições de pinturas, desenhos e textos. Lá fora, o I.P.O.R. associava-se às comemorações do centenário da morte de Eça de Queirós e promovia encontros temáticos em serões abrilhantados por especialistas da obra queirosiana. Havia que registar esses *tempus* e *modus* comuns de uma vivência feliz. Porque as imagens diluem-se no éter.

À nossa redacção chegavam testemunhos desses momentos. Sem máscaras. Do primeiro ciclo ao ensino secundário, textos e imagens recriavam um universo pessoal e comunitário. Foi-nos impossível publicar tudo, perdoemo-nos. Mesmo assim, acrescentamos mais quatro páginas às vinte e quatro já existentes.

O homem não receara amar e rendera-se ao poder de acreditar em si. Houvera fé. Porque as imagens diluem-se mesmo no éter.

As Coordenadoras



Estes são os olhos que fixam as imagens que não se diluem

Prémios para os melhores alunos

No final do ano lectivo serão atribuídos inúmeros prémios escolares, quer pela E.P.M., quer pela Direcção dos Serviços de Educação e Juventude, aos melhores alunos. São eles:

Prémio Flor de Lótus, atribuído aos dois estudantes finalistas dos ensinos primário, secundário geral e secundário complementar com melhor aproveitamento na disciplina de Português.

Prémio Li Bai, atribuído ao aluno finalista dos ensinos primário e secundário com melhor aproveitamento na disciplina de Língua Chinesa.

Prémio Dr. Nascimento Leitão, a atribuir ao aluno que tenha concluído o 12º ano com a mais elevada classificação.

Prémio Luís Gonzaga Gomes, atribuído aos dois alunos do ensino secundário que apresentem o melhor texto inédito sobre a interculturalidade de culturas ocidental e oriental.

A Direcção da E.P.M. atribuirá, por proposta do Conselho de Turma ou do professor, no caso do 1º ciclo, **Menções de Excelência** aos alunos do 4º ao 12º anos que revelem qualidades excepcionais e o melhor aproveitamento escolar.

A E.P.M. atribuirá, também, o **Prémio Escola Portuguesa de Macau** ao melhor aluno de cada ano de escolaridade do 4º ao 12º anos, escolhido de entre os que receberam Menções de Excelência. O prémio constará de um diploma e um cheque bancário no valor de MOP \$2.000.00.

O **Prémio Fundação E.P.M.**, a atribuir ao melhor aluno de Português, será de MOP \$1.000.00 (1º Ciclo), MOP \$2.000.00 (2º Ciclo) e MOP \$3.000.00 (Ensino Secundário).

Ana Roque (T&M)

À mesa com Eça

Com vista à celebração do centenário da morte de Eça de Queirós, o I.P.O.R. tem promovido uma série de cenáculos queirosianos. O *T&M* esteve presente nos dois primeiros – *Eça e a Cidade* e *Eça e o Oriente*.

Aconteceu, no passado dia 23 de Fevereiro, o primeiro cenáculo, dedicado a Eça e a Cidade. Estiveram presentes cerca de 70 pessoas entre advogados, arquitectos, professores e muitos outros. Após o jantar, cuja ementa foi seleccionada da própria obra de Eça-bolinhos de bacalhau, croquetes de carne, espargos frescos, sopa de grão, bacalhau à Biscainha e sopa dourada - deu-se então início ao informal diálogo tendo o mote sido dado pelo arquitecto Carlos Marreiros. Lisboa por opção, Carlos Marreiros disse, então, obscenidades sobre Lisboa (não suas mas do próprio Eça...) apresentando a capital como uma cidade cinzenta, lúgubre que apenas tentava imitar Paris de forma pobre, Lisboa era uma cidade de horror, sendo a produção arquitectónica oitocentista paupérrima. O próprio Campo Grande era uma cópia do Hyde Park ou do Bois de Boulogne.

Lançada a discussão abordaram-se inúmeros aspectos ligados à nossa capital, e falou-se ainda de Macau. Terminamos com palavras do orador Carlos Marreiros que consideramos pertinentes: “O poder político deve respeitar o poder cultural”.

“Não vale a pena estragar um bom jantar por causa de uma má palestra.”

Foi este o mote com que Carlos Reis iniciou, no dia 9 de Março, a sua comunicação subordinada ao tema Eça e o Oriente, após um repasto inspirado em pratos referenciados nas obras queirosianas. Desta vez, saborearam-se ovos com presunto, caldo de couves, cabrito assado no forno com batatinhas e legumes e a terminar um excelente arroz doce que, quanto a nós, foi o mais apreciado. Satisfeito o paladar, restava despertar outros sentidos, razão pela qual estávamos ali. Ouvir falar de Eça pela palavra do Professor Carlos Reis, especialista da obra do escritor oitocentista.

Começou por ler um excerto do final d’*Os Maias*, epílogo de uma tragédia amorosa que levava dois amigos a viajarem até ao Oriente. Oriente que a Eça era desconhecido, mas naturalmente provocatório pelo seu exotismo. Singularidade esta que Carlos Reis explica. “Eça não esteve no Extremo Oriente, mas passou pela Palestina e pelo Egito”. Sendo um homem viajado, a sua vida literária seria inevitavelmente repleta de viagens e de efeitos ficcionais que estas lhe provocaram. Aponta em particular para os efeitos de confrontação entre o Oriente e o Ocidente através de uma visão eurocêntrica. Eça faz reflexões curiosas, traduzindo o imaginário português do que era a situação real da China. Descreve ao pormenor costumes, situações, figuras com uma riqueza que só se compreende a quem muito leu e se documentou. Mais tarde, no entanto, confessa na sua obra *O Mandarim* que “dispor da palavra é pouco”. Cederá à tentação da fantasia construindo esta

alegoria moral, porém continuava sem conhecer a China. Gradualmente vai revelando um certo cepticismo face à civilização europeia, torna-se sensível ao seu estado decadente e reconhece a ameaça chinesa como uma força de trabalho exemplar. Eça evolui na sua perspectiva do Oriente e essa evidência, sublinha Carlos Reis, é bem notável na mudança de conceitos, tanto que é capaz de reconhecer no *outro* uma identidade civilizacional.

Lançados os dados, deu-se espaço ao diálogo. Falou-se do homem, da obra, do escritor, exemplo de tamanha inteligência e perspicácia na observação e análise do seu tempo. “Teve apenas a infelicidade de escrever em português”, rematava Carlos Reis, “e o português, infelizmente, não é uma grande língua de cultura”.

T&M



O Professor Carlos Reis cativou a assistência

“Lugares Comuns” da escritora que pinta

A exposição de pintura de Fernanda Dias, intitulada “Lugares Comuns”, esteve patente ao público na galeria de exposições da Livraria Portuguesa, entre 28 de Fevereiro e 11 de Março.

Fernanda Dias faz parte do corpo docente da nossa escola sendo professora de Educação Visual. Esta pintora tem sabido aliar, de uma forma profundamente poética, a pintura e a palavra, já que a par do seu trabalho como pintora se conta, também, a sua produção como poetiza e escritora de contos.

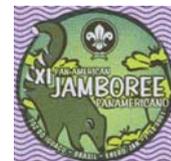
“Lugares Comuns”, para quem teve o raro privilégio de a ver, é uma exposição diferente em que se faz uma simbiose perfeita entre a escrita e a pintura; permitam-nos citar palavras de Conceição Júnior – “o que vi, quando visitei o lugar onde repousavam estas comunhões operadas a uma só mão, foi o caderno íntimo de uma escritora que pinta...”.

No próximo número de *T&M* trataremos muito mais coisas sobre esta pintora com quem temos o prazer de contracenar no quotidiano.

T&M



Eu te amo meu Brasil, eu te amo



Em São Paulo, calorosamente acolhidos pela Casa de Macau

Por João Castro

No dia 3 de Janeiro de 2001, os 15 membros do Grupo de Escuteiros Lusófonos de Macau chegaram ao Aeroporto de Guarulhos, onde foram calorosamente recebidos por dois membros dum agrupamento da União de Escoteiros do Brasil (U.E.B.).

À chegada ao local onde ficaríamos alojados, a Casa de Macau (em São Paulo), cujas instalações são excepcionais, mais quatro elementos da U.E.B. se juntaram ao grupo.

A nossa estadia em São Paulo não podia ter sido melhor porém, podia ter sido um pouco mais comprida.

Além de visitas a *shopping centers*, e ao Jardim da Independência, os escuteiros efectuaram uma visita protocolar ao Consulado de Portugal em São Paulo.

No final da visita à cidade, o GELMac organizou um churrasco, com a ajuda da direcção da Casa de Macau, para o qual foram convidados membros distintos da U.E.B., alguns elementos da organização do Jamboree Pan-americano e escuteiros da Guatemala, Brasil e Venezuela.

O GELMac deixou São Paulo no dia 6 de Janeiro, dia em que apanhou um voo doméstico da companhia Varig com destino à Foz do Iguaçu.



Grupo do GELMac no dia da partida



No acampamento, um momento de descontração

No dia dois de Janeiro quinze jovens pertencentes ao *Grupo de Escuteiros Lusófonos de Macau (GELMac)* partiam para uma viagem inesquecível, carregados de expectativas e ansiedades. Rumo ao Brasil iriam participar no **Jamboree Pan-americano, o encontro de todos os escuteiros da América do Norte, Central e do Sul, Portugal e Macau.**

Senti-me numa enorme família, parecíamos todos irmãos

Por Joana Couto

A chegada ao Jamboree foi, ao mesmo tempo, cansativa e excitante. Situava-se junto ao Centro de Convenções da Foz do Iguaçu onde se realizaram as reuniões mais importantes. À volta desse Centro havia um vasto terreno dividido em vários sub-campos. Estes estavam organizados em campos, cada um dos quais destinados a dois ou três agrupamentos. Acampámos com os escuteiros de Portugal, vindos de Braga e da

Ilha da Madeira.

No dia seguinte, à noite, deu-se a abertura do Jamboree que ultrapassou as minhas expectativas. Senti-me numa enorme família, parecíamos todos irmãos. Estava enfiada num formigueiro de gente, que mais parecia a assistência de um concerto, com a diferença de que num concerto há espaço para nos mexermos e ali nem os meus pés eu conseguia ver. Estávamos todos eufóricos. Houve discursos, um show e um concerto. Foi o delírio!

Durante os dias que se seguiram ocupávamo-nos em actividades, como jogos em vários campos e visitas aos locais mais próximos. Visitámos as cascatas do Iguaçu, o zoo, o Parque Nacional, um museu com animais embalsamados, uma barragem e uma central hidroeléctrica situados no Paraguai.

Esteve sempre bastante calor, 40 graus durante o dia. Felizmente, à noite esfriava, porque senão, não dormíamos. Chovia todos os dias, o que foi um problema. Tendas molhadas e lama por todo o lado, estragaram um pouco a festa mas empolgaram a nossa aventura: cuidado a andar para não cairmos no chão, cuidado a andar para não salpicarmos as pernas de lama, enfim, cuidado para não nos sujarmos demasiado já que a água para tomarmos banho era pouca. Numa das noites rebentou-se um dos canos de água e o duche ficou reduzido a três pingos por segundo! O mais interessante nisto tudo era a abundância de leite com chocolate canalizado, que todos os dias estava à nossa disposição ao pequeno-almoço. Bastava abrir a torneira... e zás, estavam os copos cheios. No último dia, ainda conseguimos estar com os escuteiros de S. Paulo no aeroporto, enquanto esperávamos pelo avião que nos trouxe de volta a Macau.

Finalmente em casa, pisei chão firme e limpo e tomei um duche abundante e quente. Estava de volta.

Foi uma boa experiência e conseguimos a insígnia da alegria.

Estou pronta para voltar a ver os amigos, em 2003, no Jamboree Mundial que terá lugar na Tailândia.

Registo de um acampamento



Como já vem sendo habitual, por altura do Ano Novo Chinês, realizou-se nos dias 24 e 25 de Janeiro mais um acampamento dos Pioneiros com vista ao convívio entre os escuteiros.

Alguns dos que estiveram no Brasil, no Jamboree Pan-Americano, não participaram porque tinham de estudar para porem as aulas em dia. Estiveram presentes pessoas muito especiais, que cá estavam de férias, como o Bruno, mais conhecido por “Pinha”, antigo chefe dos Pioneiros, que foi para Portugal há dois anos, a Tânia, uma caminheira que se foi embora no ano passado e o Vasco, caminheiro, agora chefe dos exploradores.

O acampamento foi na Barragem de Ká-Hó. Até lá chegarmos tivemos de percorrer um terreno inclinado e arenoso que, por isso, se tornava bastante escorregadio, originando várias quedas (houve até quem batesse recordes).

Durante o primeiro dia, de manhã, dividimo-nos em grupos: uns foram buscar lenha para a fogueira, outros foram buscar água e houve outro grupo que ficou a arrumar o campo (não foi necessário montar as tendas, pois havia um grupo que já lá se encontrava desde a noite anterior, sendo assim as tendas já se encontravam montadas). Ainda durante a manhã, como ao pé da água o terreno era muito inseguro e o solo estava enlameado, houve quem metesse os pés onde não devia, tendo por isso ficado sujo até quase aos joelhos!

Depois de almoço, durante a tarde, fizemos um raid. O jantar foi cozinhado por nós, nas fogueiras, e depois de jantar, como sempre, fizemos o Fogo de Concelho, em que nos colocámos todos à volta da fogueira a cantar, falar, jogar, dançar... Aí, os que tinham estado no Brasil, ensinaram-nos algumas das coisas que lá tinham aprendido (canções, jogos....) e os que estiveram no Chile há dois anos, recordaram algumas canções que tinham feito antes ou durante a viagem (havia algumas partes já um pouco esquecidas).

No dia seguinte, de manhã, tomámos o pequeno-almoço e acabámos por decidir (devido à chuva e a outros factores) regressar a Macau, pondo assim um ponto final em mais um pequeno acampamento.

Ana Sousa, 11º A

E.P.M. solidária com crianças desfavorecidas

No âmbito da entreatjada que se pretende promover na disciplina de D.P.S., os alunos do 11º ano fizeram uma visita ao infantário da Irmandade da Madre Teresa, situado na Ilha Verde.

No dia 17 de Janeiro, pelas 15:00 horas, deslocámo-nos de carrinha, proporcionada pela escola, até ao infantário onde fomos recebidos por uma irmã. Esta, após nos ter pedido que rezássemos durante cinco minutos, foi com grande simpatia que nos facilitou a visita às salas existentes no piso de baixo. Aí explicou que é nesse andar que se encontram as crianças de famílias bastante



O grupo oferecendo o “Lai-Si” à instituição

pobres e com elevado número de filhos. Este é, assim, o critério de selecção para que algumas crianças possam passar ali o dia, regressando, à noite, a casa. O acesso ao espaço no primeiro andar foi-nos interdito uma vez que as crianças que ali se encontram são filhas de mães solteiras e encontram-se protegidas sob anonimato. Contudo, aquelas que vimos receberam-nos calorosamente ao som de músicas e pequenas danças ensinadas pelas educadoras.

No final, antes de partirmos, entregámos os presentes (que tínhamos para elas) com os quais tentámos brincar e alegrá-los. Estes revelaram ter pouco hábito de contacto com brinquedos, o que se poderia desde o

princípio supor, visto as salas se encontrarem quase vazias e o pátio do recreio ter apenas um pequeno escorrega. No entanto, os resultados pareceram positivos e o esforço de algumas pessoas da E.P.M. em angariar fundos (2 mil patacas entregues num lai-si à irmã que nos recebeu) e inúmeros brinquedos poderão ter tido fruto. Fomos compensados pelos sorrisos

inocentes e pelo brilho nos olhos que presenciámos naquela tarde.

Queria agradecer a todos os que participaram, pelo empenho e dedicação, e também àqueles que foram à visita deixando-se encantar e encantando aquelas crianças com a sua alegria e animação. Gostaria ainda de pedir que sempre que pudessem ajudassem estas pequenas instituições que vivem da misericórdia alheia e da bondade das comunidades, visto que os governos em pouco ou nada as ajudam. E lembre-se, leitor, que pequenos gestos podem fazer algo grande pelo mundo e por aqueles que mais necessitam.

Sofia Pablo (T&M)



Os pequenos anfitriões brindaram-nos com a sua alegria

Entre suspiros e suspiros, o dia de S. Valentim conquistou corações

Das origens à actualidade



Contam-se várias histórias sobre o Dia de S. Valentim. Uma das versões remonta ao século IV a.C. e conta que este dia era, no calendário pagão, dedicado a Juno, a Deusa do Amor, a qual se associava às mulheres e ao casamento; no dia 15 começavam habitualmente umas festas profanas, as *Lupercalia*, em memória do deus bucólico romano Luperco, matador de lobos e protector de ovelhas. Nesses tempos, os sacerdotes de Luperco percorriam as ruas de Roma vestidos com peles de animais em frenéticas corridas, durante as quais chicoteavam as mulheres que assistiam à cerimónia. Segundo a tradição, as mulheres vítimas desse acto tornavam-se mais

propensas ao amor, daí a teoria do “Quanto mais me bates mais eu gosto de ti”.

Porquê Dia de S. Valentim?

Houve diversos santos que se chamaram Valentim, mas o que deu origem a esta tradição terá sido um mártir do século III perseguido pelas autoridades civis romanas e executado no dia 14 de Fevereiro do ano de 270 d.C. A lenda diz que, durante o período em que esteve preso, se tornou amigo do carcereiro e fez um milagre, devolvendo a vista à sua filha. Na noite anterior à sua execução, escreveu um bilhete de despedida onde assinou “teu Valentim”.

Catarina e João, 10º A e Nádía (T&M)



You Jump,

I Jump



A propósito do dia dos Namorados, o T&M passou um inquérito aos alunos da nossa escola para saber como vamos de romantismo... e as conclusões foram deveras interessantes. Apesar das múltiplas hipóteses de prendas amorosas que se podem oferecer nesta data, os nossos alunos comportam-se de forma muito tradicionalista, por exemplo considerando que chocolates em forma de coração, rosas (em ramo ou não) e um anel são as formas mais bonitas de manifestarmos o nosso amor. Claro que também há aqueles verdadeiramente românticos para quem um simples beijo é prova suficiente de amor. De destacar outras sugestões como, um jantar íntimo, um perfume, uma vela aromática, um relógio, cristais, entre muitos outros.

Quanto às variadíssimas formas de

dizermos o nosso amor, a chamada “declaração” e mais uma vez houve uma apetência preferencial pelo tradicionalíssimo “I love you”, pelo “amote” e o enfático “I love you forever”. Não pode deixar de ser curioso, já que habitualmente consideramos os jovens revolucionários e, afinal, eles se cingem à tradição. Não podemos, contudo, deixar de registar algumas expressões amorosas sugeridas pelos apaixonados: “Quando estou contigo sinto que posso fazer tudo”, “You jump, I jump”, “You are my sunshine”, “Sem ti nada teria sentido”, “Eu sozinho sou um rio mas ao teu lado sou um mar”, “És o meu farol da Guia”, “És a flor mais linda do meu jardim”, “És a minha princesa”...

E se o amor significa canções apaixonadas, elas são tantas quantas as sensibilidades, com particular destaque para

temas como “My love” dos Westlife, que conquistou o 1º lugar do inquérito, “Tudo o que eu te dou” de Pedro Abrunhosa (2º lugar) e ainda temas como “Iris” de Googoo dolls, “My heart will go on” de Celine Dion e “Miss you finally”.

T&M



Happy Valentine's Day

Serão todas as cartas de amor ridículas?

No âmbito do dia de S. Valentim, o Clube de Jornalismo promoveu um concurso de cartas de amor, que recentemente parecem ter caído em desuso com a explosão da Internet.

Contudo os poetas resistem e provaram-nos que ainda há quem saiba usar as palavras de forma especial. O júri do T&M seleccionou as três melhores cartas, tendo atribuído o primeiro lugar à Raquel Fernandes Dias, do 8º C, o segundo lugar foi para a Joana Roque, do 8º C e em 3º lugar ficou a Ana Cruz, do 9º B.

Amor:

O que és tu? Sim, quem te deu o direito de entrares assim nos corações? De transformares o são em louco, o santo em pecador?... Quem? Quem te pode admirar essa irritante mas doce escravidão? Quem te toma como luz e se perde nessa densa escuridão? Como ousam os apaixonados ter como desejo o mundo?

Oh doce resignação essa a dos poetas, sonhadores, loucos e insanos...

Quem pode querer estar preso de livre vontade, e de livre vontade cair nessas desilusões... Diz-me, desvenda esse teu mistério se és capaz!

Sábios temem a tua sabedoria, a tua falta de ciências, os poetas procuram inutilmente palavras para te descrever, e NADA! O homem mais inteligente larga tudo, e tu? Tu continuas indiferente no alto da tua ironia...! Ama-se o ingrato, o pecador, o ladrão, fica-se num querer ser enganado e cego para sempre.

Os mais elementares sentidos extinguem-se, as leis da natureza falham... Tudo por teu capricho, tudo porque TU decidiste, e eu?

Sim eu que estou apaixonada? Que é que faço? Resignar-me a ti, à tua beleza!

Que remédio...

Até um dia.

Dreamer (1º LUGAR)

Meu Marcelo:

Nem todas as cartas de amor têm de ser alegres. Eu escrevo, talvez mais uma, talvez já seja banal... mas a revolta dentro de mim não me deixa respirar, não me deixa viver... se eu pelo menos soubesse viver sem te ter ao meu lado, se os meus olhos conseguissem ver algo para além de ti, se as minhas mãos conseguissem escrever, não para ti, mas para alguém mais...mas parece que esse meu desejo voa para além das minhas capacidades, o meu mundo és tu. Estás presente em cada brisa que bate na minha cara e que faz esvoaçar levemente os meus cabelos, em cada sussurro que ouço, em cada gota de água que vejo cair do infinito céu, em cada estrela, em cada luar que ilumina a mais triste e escura noite, em toda a minha vida...

Às vezes olho para o nada, para o vazio, para dentro de mim mesma e penso: "Porquê tu? Logo tu! Que estás aí... e eu aqui, em universos opostos, que um dia se atraíram, mas que se voltaram a separar."

Há quem ainda procure o amor verdadeiro, há quem ainda nem sequer saiba que ele existe. Andam todos apressados e curiosos, como um alquimista à procura da Pedra Filosofal. Parece que eu já encontrei... encontrei-a em ti, em todo o teu ser, em todo o teu pensar, no teu respirar, no teu olhar... só tu me poderás dar uma vida infinita, já que sem ti, nem sequer vida terei.

Sonhei, sonho e talvez continue a sonhar. Ainda sei que no mais profundo sentimento vive uma esperança, já pequena, longínqua, quase a desaparecer, para não mais ser lembrada. Talvez nem a consiga reter durante muito tempo, mas essa esperança alimenta-me, faz-me ver que tenho uma vida. Posso até nem mais viver, nada dura para sempre, só o meu amor, o carinho e a lembrança que me liga a ti e que durará eternamente, em cada partícula do meu ser.

É verdade que tive um passado, um passado que foi a chave para a minha felicidade, mas o futuro bate-me à porta. Quem será esse futuro?

Serás tu?

Talvez.

Eternity (2º LUGAR)

D
o
c
a
s

por:
Patrícia Sousa



Meu amor e minha paixão

Estou perdidamente apaixonada por ti desde que te vi e gostaria que reparasses em mim.

É assim que todas as cartas começam, supostamente, ou se não forem assim veiculam todos o mesmo sentido. Sinto uma coisinha diferente cada vez que estou contigo, uma cociginha dentro de mim, alguns dizem que é amor. Pelo que me disseram, amor é não conseguir comer, não conseguir dormir, andar sempre nas estrelas como nos filmes de amor onde fazem tudo pela pessoa que amam. Será que é assim na vida real?

Enquanto novos vivemos naquela fantasia em que o mundo é perfeito e algures por aí há alguém que nos espera e na altura certa encontramos-lo e fazemos uma aliança em que prometemos amar-nos um ao outro para sempre, até que a morte nos separe. Mas na vida real não se vê isso, vêem-se sim pessoas que se amam, mas parece que o amor se esgota. Será que o amor se esgota? Por isso, neste dia, que podia ser outro qualquer, as pessoas voltam a envolver-se nessa fantasia e nunca desistem da ideia de que há um meia alma à sua procura.

O amor é inexplicável, não há livro que o explique nem ninguém é capaz de o explicar, mas toda a gente sabe quando o sente, da mesma maneira que ninguém explica o que um cego de nascença vê, mas todos os cegos sabem o que vêem.

Talvez isto não seja amor, mas sim uma amizade muito profunda que sinto por ti e essa cociginha é o medo de te perder quando estou contigo, e de cada vez que alguém nos tente separar esse laço se aperte mais.

Quero conhecer-te como és, não pelo que os outros dizem que és nem pelo que quero que sejas. Quero olhar para o mais profundo dos teus olhos, olhar para ti e amar-te por isso.

Jovem apaixonada.

Laetitia (3º LUGAR)

Ainda a assinalar o Dia dos Namorados, e no âmbito da disciplina de Português, os alunos do 9º ano, vestindo a pele de Cupidos, receberam e entregaram, por toda a escola, inúmeras cartas de amor ao som de melodiosas canções românticas.

(T&M)



Os Cupidos do 9º ano preparando-se para entregar o correio amoroso



Distribuindo cartas e canções de amor

Trobar



noutro

Mudam-se os *tempus*, mudam-se os *modus*, mas não se mudam as vontades. Os sentimentos, esses, permanecem imutáveis. Assim, à semelhança da Lírica Medieval, os alunos do 10º ano provaram que dentro de cada um de nós ainda vive um trovador disposto a conquistar o coração humano. Uma fé que se julgava perdida no tempo.

século





Límpidas e cristalinas águas,
Que afogam as minhas mágoas,
Sabedes nobas do meu amigo
Que prometera ficar comigo?
Ai, porquê por elas?

Deusa que escondes tal riqueza
Teimas em roubar a beleza
À donzela, louçana e belida
Tão abandonada e sem vida?
Ai, porquê por elas?

Que afogam as minhas mágoas,
Nessas castanhas e turbas águas,
Meu único e confiante amor
Que me levaste com tanta dor.
Ai, porquê por elas?

Teimas em roubar a beleza
Que me iguala à natureza,
Este de todos os desatinos
É decerto o pior destino.
Ai, porquê por elas?

Nessas castanhas e turbas águas,
Destiguraste-me em mil mágoas
E no fundo lamacento e sereno,
Faz o meu mágico veneno.
Ai porquê por elas?

Que me igualam à natureza,
As lindas pérolas na profundez,
Meu amor as levou pr'o fundo do rio.
Minha alma morre de intenso frio!
Ai, porquê por elas?

Inês, João, Catarina e Leila, 10º A



i turbas águas do rio mexido
Trazei-me nobas do meu amigo
Oh, que se deve ter perdido!
Á-Ma engana-me.

Ai águas turbas do rio levado
Trazei-me nobas do meu amado
Que por outra foi enfeitigado!
Á-Ma engana-me.

Trazei-me nobas do meu amigo
Oh, que se deve ter esquecido
Que era moço comprometido!
Á-Ma engana-me.

Trazei-me nobas do meu amado
Embarcado num batel naufragado
Por ela decerto enganado!
Á-Ma engana-me.

Oh, que se deve ter esquecido
Que podia ser engolido
Pelas ondas do rio mexido!
Á-Ma engana-me.

Embarcado num batel naufragado
Ai, águas turbas do rio levado
Que o amigo morreu afogado!
Á-Ma engana-me.

Francisca, Bárbara e Daniela, 10º B



Bailemos todas nas docas
Olhando amigos loucos
Amigos loucos olhando
Mas um copo abianando
Ai docas, ai docas de Macau!

E à beira-rio sentados
Com os copos esbaziados
Secando, desesperando
Por nós ainda bailando
Ai docas, ai docas de Macau!

Olhando amigos loucos
Só é pena serem poucos
Lá foram para o fossado
Pelo menos era o recado
Ai docas, docas de Macau!

Com os copos esbaziados
Nem bailaram, pobres coitados
É tarde vamos para casa
Está na hora de dar o "baza"
Ai docas, docas de Macau!

Eric, Filipe e Augusto, 10º B



i meu Deus que horas são
Levanta-te, leva o colchão
Ó Elbis, ó Elbis
Óbnis à vista!

Depressa, tens de partir
A mamã não tarda a vir
Ó Elbis, ó Elbis
Óbnis à vista!

Levanta-te, leva o colchão
Resta a dor no coração
Ó Elbis, ó Elbis
Óbnis à vista!

A mamã não tarda a vir
Está na hora do ir
Ó Elbis, ó Elbis
Óbnis à vista!

Resta a dor no coração
O risco é o meu perdão
Ó Elbis, ó Elbis
Óbnis à vista!

Está na hora do ir
Saudades mil bou sentir
Ó Elbis, ó Elbis
Óbnis à vista!

José Filipe, Kiko e Nuno, 10º B



Dia do Mandarim celebrado na E.P.M.

Um abraço de culturas

As professoras da disciplina de Mandarim dinamizaram este ano, pela primeira vez na E.P.M., um dia dedicado à língua e à cultura chinesas. O Dia do Mandarim, celebrado a 19 de Janeiro, contou com a participação de todos os alunos que aprendem esta língua, desde o 1º Ciclo até ao Ensino Secundário.

No átrio interior da escola encontravam-se várias exposições realizadas pelos alunos: trabalhos em papel rasgado e em papel recortado sobre a Ópera de Beijing e sobre a cultura chinesa, realizados no âmbito da disciplina de Mandarim; desenhos e textos, incluindo poemas, sobre as tradições do Ano Novo Chinês, feitos por alunos do 5º, 7º e 11º anos, e máscaras da Ópera de Pequim, executadas nas aulas de Oficina de Artes pelos alunos do 11º B, depois de sensibilizados para esta tão importante forma de expressão dramática.



Aspecto da exposição dos trabalhos realizados pelos alunos

Esta festa também alegrou o paladar, pois foram cozinhados pratos chineses: *Jiao Zi* (que inspiraram os Ravioli italianos), *Tong Pat Lat* e *Tong Iun*. Quem cozinhou os *Jiao Zi* foram as alunas Rebeca, Sabina, Ondina e a professora Xia. A título de curiosidade, os ingredientes utilizados são: carne de porco, hortaliça, soja ou vinagre e farinha. Atrás da banca dos doces chineses *Tong Pat Lat* e *Tong Iun* estavam os alunos Micaela, João e Floriana. Quanto aos ingredientes, temos farinha de arroz, água, coco seco e amendoins ou chocolate.

Mais tarde, rebentou-se um panchão no átrio da escola, que a todos fez lembrar que o Ano Novo Chinês estava perto.

Também houve declamação de poemas e canções em Mandarim e Cantonense, apresentados por alguns grupos de alunos.



Alunos do 1º Ciclo declamando poemas em Mandarim

Entre a assistência, destacamos alguns dirigentes da D.S.E.J., nomeadamente o Director, Dr. Luíz Amado de Vizeu, os Subdirectores, Sou Chio Fai e Leong Lai, Vivian Chan, Chefe de Divisão do Ensino Secundário e Técnico-profissional, Lei Ka Lai, Chefe de Divisão do Ensino Pré-primário e Primário, Un Hoi Cheng, Chefe de Divisão dos Apoios Sócio-educativos e a Dra. Luísa Kit, Directora do Centro de Difusão de Línguas.

Em conversa com o *T&M*, o Dr. Vizeu felicitou a Escola Portuguesa pela iniciativa porque, “além de ser uma forma interessante de ocupar os alunos, serve, de igual modo, para que estes conheçam melhor a cultura do país de que Macau faz parte, a China”. Acrescentou também que, uma vez que *as pessoas não vivem sozinhas, tem que surgir, naturalmente, uma mistura de culturas*.

Quando interrogado sobre se considera importantes actividades como esta, sendo a E.P.M. uma escola portuguesa, o Dr. Vizeu referiu que a iniciativa era muito positiva. Disse ainda que a escola tem participado noutras actividades, nomeadamente eventos desportivos, através da sua equipa de andebol e que brevemente haverá um concurso de dança a nível interescolar.

A finalizar, o director da D.S.E.J. deixou um repto ao nosso clube no sentido de este participar mais nas *coisas de Macau*.

Ana Roque (*T&M*) e João Castro, 11º A



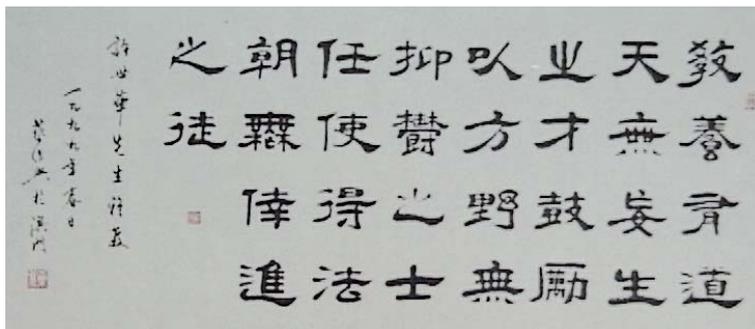
Dr. Vizeu e Dra. Edith da Silva, junto dos alunos apreciando a arte da caligrafia chinesa do professor Choi Chun Heng

“As pessoas não vivem sozinhas, tem que surgir, naturalmente, uma mistura de culturas”

Artes da China milenar

A Caligrafia Chinesa

Há mais de 2200 anos, coexistiam na China várias formas arcaicas de caligrafia. Cerca de 213 a. C., por ordem do famoso imperador Chin Shih Huang Ti, que unificou a China, o Primeiro Ministro Li Szu compilou uma lista oficial dos caracteres (mais de três mil) e estandardizou a forma de escrita para uso dos letrados. Esta caligrafia foi denominada *Zhuan-shu*. No entanto, desde essa época desenvolveram-se cinco grandes estilos de caligrafia: *Zhuan-shu* (escrita dos selos), *Li-*



Excerto de um escrito do Dr. Sun Yat-Seng sobre a importância da educação, num trabalho do professor Choi Chun Heng

shu (escrita dos letrados), *Kai-shu* (escrita normalizada), *Hang-shu* (escrita semi-cursiva) e *Cao-shu* (escrita cursiva).

Embora os caracteres chineses sejam

utilizados como veículo de expressão, não é absolutamente necessário compreendê-los para apreciar a sua beleza, pois, no fundo, a caligrafia chinesa é uma arte abstracta.

A Ópera de Pequim

O ano de 1790 pode considerar-se como tendo sido o ano do nascimento da Ópera de Pequim, ano em que se celebravam os oitenta anos do imperador Quianlong. Para os festejos, chegaram a Pequim vários grupos de teatro itinerante vindos da província de Anhui, no Sul da China, fazendo-se acompanhar de dois tipos de melodias. Era a primeira vez que teatro se fazia acompanhar de melodias em Pequim, embora fosse comum no Sul.

Hoje em dia, a Ópera de Pequim é uma síntese de acção, canto, diálogo, pantomina, luta acrobática e dança e o seu repertório engloba contos de fadas dos tempos imperiais e acontecimentos históricos importantes desde os antigos reinados de



Alunas dizendo poemas em Mandarim

Yao, Shun e Yu até ao fim da dinastia Qing. Há quatro tipos de papéis principais: Sheng (homem), Dan (mulher jovem), Jing (cara pintada, homem) e Chou (bobo, homem ou mulher). Os trajes são caros e elegantes, muitas vezes bordados à mão, respeitando

as formas e padrões tradicionais e os tipos de pintura facial das diferentes personagens são ricos e variados, caracterizando os sentimentos atribuídos a cada uma delas.

Ana Roque (T&M) e João Castro, 11ª A

Por ocasião do Dia do Mandarim, estiveram também presentes alguns trabalhos dos alunos alusivos ao Ano Novo Chinês. A título de curiosidade registamos algumas das tradições habitualmente cumpridas nesta época. Kung Hei Fat Choi.

De manhã, os mais pequenos servem chá aos pais e, entre si, desejam-se votos auspiciosos e oferecem-se “lai-si”.

António Costa, 11º D

No Ano Novo, as famílias costumam comer “lin kou” e “lo pa kou” e costumam pôr doces e pevides numa caixa vermelha (chun hap).

Halimah, 11º D

Na tradição chinesa, no dia de Ano Novo, não convém falar em coisas que não dão sorte. Não se pode lavar ou cortar os cabelos porque pode dar azar e fazer perder a fortuna.

Jaquelina, 11º C

Seguindo a tradição chinesa, dois dias antes do Ano Novo Chinês é preciso limpar e arrumar muito bem a nossa casa para recebermos um próspero ano.

Lurdes Martins, 11º C

Antigamente havia uma aldeia em que os dragões tinham o costume de lá ir para comerem os habitantes, até que alguém teve a ideia de rebenatar panchões para que os

dragões não lá voltassem. Assim nasceu o hábito de queimar panchões.

Teodoro, 11ª A

Às vezes os adultos vão ao casino jogar, porque dizem que no Ano Novo têm mais sorte para ganhar dinheiro.

Adriano, 11º D

Quando entram nos dias do ano novo chinês, todas as pessoas vestem roupas novas e sapatos novos pois, para os chineses, isto serve para terem boa sorte no ano novo e para que as coisas más do ano anterior se vão embora.

Célia Lai, 11º D

E.P.M. e Sec. Carlos Amarante estreitam laços de amizade

No dia de Carnaval um grupo de alunos e professores da Escola Secundária Carlos Amarante, de Braga, visitou a E.P.M., tendo participado num almoço oferecido pela Direcção da escola e em jogos de futebol e vólei contra as equipas da nossa escola.

A comitiva era constituída por mais de trinta elementos - vinte e oito alunos do 10º e 11º, das áreas de Artes e Ciências, a Vice-Presidente da Comissão Executiva da escola, Dra. Hortense Santos, três professores, Henrique Duro, Maria Fernanda Claro e Maria do Carmo Pereira e pela intérprete, Isabel Cavalheiro.

Esta iniciativa foi possível pelo facto de a escola ter participado num

concurso promovido pela Fundação Oriente. Foram ainda patrocinados por instituições como o Banco Nacional Ultramarino (delegação de Macau), a Multicópias, e outras.

Chegaram a Macau no Sábado, dia 24 de Fevereiro, para uma estadia de uma semana, tendo ficado alojados na Pousada da Juventude em Hac-Sá.

Aproveitaram para visitar os lugares típicos de Macau como o Mercado Vermelho, as Tendinhas, as Ruínas de S. Paulo, a Fortaleza do Monte e, claro, fizeram bastantes compras!

Na manhã do dia 27, dia de Carnaval, o

e do longe se fez perto

por João Guedes



O mês de Fevereiro contou com a visita especial de um grupo de alunos da Escola Secundária Carlos Amarante, de Braga, que aproveitaram as mini-férias da quadra e se uniram às comemorações carnavalescas da E.P.M. De Macau levaram as imagens, no coração as saudades.

grupo visitou as instalações da E.P.M. e montou uma exposição de quadros intitulada “Olhares”. Ofereceram depois, à escola, algumas lembranças de que destacamos os dois bonitos quadros de José Carlos Gracia e Hugo Araújo. Mais tarde teve lugar um almoço convívio entre a Carlos Amarante e a Direcção da nossa escola, alunos do

Agrupamento de Artes do 12º ano, professores de Educação Física, elementos dos clubes de Jornalismo e Projecto Multimédia. Aproveitando o momento, a Presidente da E.P.M. ofereceu uma placa e várias lembranças aos convidados.

Na parte da tarde a equipa de futebol da escola de Braga defrontou a da E.P.M., tendo a nossa escola vencido por um

claro 11 a 5; também jogaram as formações femininas de vólei das duas escolas, tendo a equipa convidada perdido os três “sets” – pouca sorte! Foi um dia de simpático convívio entre escolas tão distantes no espaço mas tão próximas na língua.

Ainda ao longo dessa semana a Carlos Amarante visitou outras escolas de Macau, entre elas, segundo apurámos, o Colégio Yut Wah bem como as Escolas Hou Kong, Pui Chen e Luso-Chinesa Luís Gonzaga Gomes.

Na opinião de alguns dos alunos, a E.P.M. é uma escola bastante agradável e Macau “um sítio diferente”, embora pensassem “que era mais pequeno ainda!”

Fragmentos da exposição “Olhares”, coordenada pela Dra. Fernanda Claro e trazida à E.P.M. pela Escola Secundária Carlos Amarante



Nem tudo o que parece é

por *Sofia Pablo*

Derivada do italiano, Carnaval significa “adeus à carne”, sendo uma festa pagã que precede a quarta-feira de cinzas. Remonta aos tempos em que no Egipto era comemorada uma festa em homenagem a um animal sagrado, o boi Apís. Nela, era escolhido um boi branco, sendo este pintado de várias cores e com sinais canibalescos; era depois seguido pela população através das ruas do Egipto até à chegada ao rio Nilo, no qual era afogado simultaneamente com danças e canções dos participantes nos rituais.

Contudo, essa festa não permaneceu apenas no Egipto mas difundiu-se mundialmente, devendo-se este fenómeno às conquistas feitas pelos romanos que viriam também a adoptá-la, alterando apenas o seu nome para Bacanal, uma vez que era realizada em honra do Deus Baco. A Grécia viu também o nome alterado para festa Dionisíaca, por ser homenagem ao deus Dionísio.

No entanto, o Carnaval com máscaras como conhecemos hoje surge em Veneza em 1162, tendo estas sido utilizadas para o festejo da vitória da república militar.

O Carnaval na nossa escola

Na E.P.M., o espírito carnavalesco esteve muito animado na medida em que os alunos, com a colaboração de alguns professores, fizeram trabalhos alusivos ao tema que estiveram expostos na entrada principal. O

Popular por quase todo o mundo, o Carnaval traz anualmente a folia a milhares de pessoas. Porém que festejam elas? Sim, porque a sua origem é apenas conhecida por uma reduzida minoria. Afinal que festa é essa e de onde terá vindo?

trabalho da criação de máscaras foi sujeito a um concurso. Os vencedores deste foram: Alexandra Ziolkowski, 5º B, Maria Lam dos Santos, 6º C e Hélia Lopes Fazenda, 5º B, primeiro, segundo e terceiro lugares respectivamente. Já no terceiro ciclo, os vencedores foram Maria Chan, 7º B, Miguel Clemente, 9º A e Ana Cruz, 9º B.

O concurso com maior impacto e participação dos alunos teve lugar no dia um de Março pelas duas horas e trinta. Com um número elevado de concorrentes, mesmo apesar de ter havido uma pré-selecção, deuse, durante a tarde, o desfile de máscaras cujo apuramento se revelou bastante complicado para o júri, na medida em que o grau de originalidade registado nos fatos era bastante elevado. Porém, após aturada reflexão, foram apurados os vencedores do primeiro ciclo: em primeiro lugar ficou Genésio Chan, 2º B, como astronauta; em segundo, Natacha Barreto, 3º A, com o fato de palhaço; em terceiro ficou Filipa Estrela, 2º A, “Capitão Gancho”. Relativamente ao segundo e terceiro ciclos os vencedores foram João Maria, do 6º C, primeiro lugar, com o disfarce de índio; o segundo lugar foi atribuído aos alunos Inês Costa, do 5º B, com o “Lápis” e Francisco Figueira, do 6º C, como o “Sem Cabeça”; o terceiro lugar foi para Miguel Botelho, do 7º D, como “Bugs Bunny”.

Toda a escola esteve em festa, tendo o Carnaval sido motivo de alegria e convívio entre todos.



Vejam como lhes cai bem

Sete crianças vestiram sete máscaras

E o resultado aí está!

Exclusivamente para os seus olhos.

Agora é que são elas



Arlinda Frota

médica, mãe, mulher

A Dra. Arlinda Frota nasceu em Luanda. É casada com o Dr. Carlos Frota, Cônsul-Geral de Portugal em Macau e é mãe de quatro filhos, o mais velho com 29 e o mais novo com 23 anos.

Os seus estudos primários e liceais fê-los em Angola, tendo depois iniciado o curso de Medicina em Portugal, na Faculdade de Medicina de Santa Maria. É especialista em Medicina Tropical e trabalhou, ao longo da sua carreira, em locais muito diversificados como Angola, República do Gabão, Bragança, Lisboa, República da Guiné-Bissau, Bordéus, S. Tomé e Príncipe e Macau.

Para além de desempenhar funções como médica, foi docente quer em Portugal quer em Angola, prestando apoio e formação em pré e pós graduação a médicos. Participou ainda em vários estudos no âmbito da medicina e prestou várias comunicações de carácter científico em cursos e congressos.

Foi mais um 8 de Março. No Auditório da Escola Portuguesa, reuniram-se um grupo de alunos e professores dispostos a assinalar esta data histórica que revolucionaria o estatuto da mulher. A fazer-lhes companhia uma convidada especial, a Dra. Arlinda Frota.

Porque a situação da mulher não é exclusiva dos nossos dias, mas vem, certamente, do fundo do tempo.

Abrir a sessão, Francisco Manuel de Melo e Luís António de Verney, distanciados no tempo e nas ideias foram os escritores escolhidos. Em palco, a Sara Ribeiro, o João Guedes e o Filipe Redinha dramatizaram do primeiro, um excerto da obra *Carta de Guia de Casados* e do segundo, um outro, do *Verdadeiro Método de Estudar*. O tema foi a Instrução das Mulheres.

Deu-se de seguida a palavra à ilustre convidada que fez uma comunicação estruturada em três partes distintas: Breve história da comemoração do Dia Internacional da Mulher; Questões mais importantes relativas à condição da mulher no Mundo; O meu testemunho pessoal.

Transcrevemos, em seguida, excertos de cada um dos pontos focados na sua exposição.

“Após a II Guerra Mundial e na Carta de Organização das Nações Unidas, foi reconhecida à mulher a igualdade de direitos, relativamente ao homem, baseada na igualdade fundamental do género Humano.

A Organização das Nações Unidas, nos últimos 50 anos, organizou 4 importantes conferências internacionais sobre o estatuto das mulheres no mundo, para além de inúmeras iniciativas sobre questões específicas da condição feminina.

A primeira grande conferência teve lugar na cidade do México em 1975; a segunda em Copenhaga em 1980; a terceira em Nairobi em 1985 e a mais recente em Beijing em 1995.

Todos nós sabemos, que por exemplo, nos nossos países, não há ainda um número proporcional de mulheres a participarem na

vida política, como dirigentes de partidos, deputados, ministras, presidentes de Câmaras, etc., etc.

Sabemos que ter uma mulher como presidente da república ou primeiro-ministro constitui ainda uma excepção.

A importância da participação feminina, ao lado do homem nas decisões políticas que interessam a toda a comunidade é cada vez mais óbvia.

As mulheres têm um olhar diferente sobre o mundo e sobre a vida, como decorre das suas características bio-psicológicas.

Tem se dito muitas vezes que os homens fazem mais facilmente a guerra porque não são eles que geram os novos seres humanos, os seus filhos.

O Dia Internacional da Mulher é, como estão a ver, um importantíssimo

momento de reflexão sobre problemas que não dizem apenas respeito às mulheres, mas a toda a humanidade, porque têm a ver com uma organização diferente das nossas sociedades, com uma maneira diversa de construir as relações de trabalho, a vida no interior das empresas, eventualmente a própria relação interior das escolas, das universidades, dos centros de formação profissional, etc.

Quem não lamenta a ausência permanente da mulher, do seu lar e da sua família, só porque a organização social, feita segundo regras já ultrapassadas do “bom pai de família” impedem uma flexibilidade de horários compatíveis com as suas funções de mãe e de amiga sempre presente dos seus filhos? O que se pode discutir, naturalmente, é uma organização de trabalho feita à medida do homem, segundo um padrão já antigo que não tem em conta o papel da mulher como suporte psicológico dos seus filhos, verda-



Dra. Arlinda Frota com a Direcção da E.P.M. no fim do encontro

palavra de mulher

deiramente orientadora da sua educação e, neste aspecto, construtora de uma real parceria com a escola, tarefa de formar as mulheres e os homens do futuro.

Talvez, no limite, nós pudéssemos dizer que a sociedade mundial com maior participação feminina terá melhores condições para ser mais harmoniosa, mais equilibrada, mais sã psicologicamente, porque as suas instituições podem ser alimentadas, não apenas pela competição feroz mas pelo afecto e pela delicadeza no relacionamento humano que são ainda, em muitas situações, (e talvez nas mais críticas) atributos maioritariamente femininos.

Acredito que uma mulher deve procurar manter as suas características femininas – que nada deverá poder alienar – aceitando profundamente o facto maravilhoso da maternidade e harmonizando-a, tanto quanto possível, com a sua actividade profissional. Esta é a única forma de, como ser humano total, a mulher se sentir completamente realizada.

Muitas dessas mulheres são heroínas anónimas que também facilmente poderão estar no centro da comemoração neste Dia Internacional da Mulher que não tem a ver apenas com as grandes datas e os grandes acontecimentos do movimento de emancipação feminina, mas igualmente com o heroísmo anónimo e silencioso de quem cumpre o seu dever no meio dos seus entes mais próximos”.

Após a comunicação, abriu-se a sessão à curiosidade da assistência que, com entusiasmo, colocou várias questões à nossa convidada. Arlinda Frota disse ter sido confidente de muitas mulheres de várias nacionalidades e raças e destacou o papel humanitário das religiosas em países como São Tomé e Príncipe e Guiné Bissau. Ainda em África, a República do Gabão foi a que mais a sensibilizou pelo atropelo aos direitos da mulher, país onde a criança-mulher vive em condições precárias. São estas as verdadeiras heroínas anónimas de uma luta que ainda não chegou ao fim.

À pergunta “onde se sentiu mais em casa”, respondeu com um sorriso nos lábios: “tenho por mote dizer - onde quer que esteja, eu estou. A minha casa foi sempre Portugal”.

Leila, Nani, Francisca e Sofia (T&M)

No âmbito da celebração do Dia Internacional da Mulher, o T&M foi aos Serviços de Identificação de Macau conversar com a sua Subdirectora. Amável, recebemos com toda a simpatia e saciou a nossa curiosidade.

Responsável pelo Departamento de Informação de Residentes, pela Divisão de Registo Criminal, trabalha ainda na área das Relações Públicas. Não sente qualquer dificuldade em termos de relações profissionais já que existe entre ela, o Director dos Serviços e a Secretária-Adjunta, Dra. Florinda Chan, um excelente entendimento.



Dra. Sónia Chan e elementos do corpo redactorial do T&M

Discriminação sexual nunca sentiu ao longo de todo o seu percurso profissional. Curioso até o facto de, do grupo de colegas de curso da Universidade de Cantão, serem as mulheres quem ocupa os lugares de maior destaque, sendo, inclusivamente, melhor remuneradas uma vez que optaram por uma carreira no sector privado.

No território considera haver diferenças a nível laboral, diferenças essas justificadas pelas suas habilitações e, muitas vezes, por um sentido de oportunidade. Uma vez que em Macau 52% da população são mulheres, Sónia Chan considera que estas têm um papel muito importante na construção da cidade. Em seu entender, o número de mulheres que ocupam lugares de chefia na Administração Pública é bastante razoável.

Nem sempre é fácil conciliar a sua vida profissional com a familiar já que tem dois filhos com idades inferiores a quatro anos; uma vez mais a compreensão do Chefe tem sido importante no sentido de não lhe exigir a permanência no gabinete depois das 19:00 horas.

Sónia Chan



funcionária pública, mãe, mulher

A Dra. Sónia Chan, Subdirectora dos Serviços de Identificação de Macau (S.I.M.), nasceu em Cantão e veio para Macau há pouco mais de 10 anos. Formada em Direito pela Universidade de Zhong Shan ocupa desde então funções na Administração Pública, primeiro na Direcção dos Serviços de Educação e Juventude onde exerceu, durante dois anos, funções de Jurista e posteriormente nos S.I.M. onde trabalha há oito anos, sendo Subdirectora desde Agosto de 1998. Entre 1990 e 1992 fez um curso de Língua Portuguesa na Faculdade de Letras em Lisboa, como bolseira da Fundação Oriente.

Como mãe, para os seus dois filhos ambiciona a felicidade esperando que estes não tenham de passar uma infância presos aos estudos, uma vez que a educação chinesa é muito exigente logo desde a mais tenra idade.

Como mulher, incita os jovens a instruírem-se pois o ensino secundário é a melhor altura para estes aprenderem muitas e diversificadas coisas.

Nádia, Sofia e Guedes (T&M)

“Não nascemos mulheres: tornamo-nos.” Simone de Beauvoir

Chamada terra à Terra

Terra. Terceiro calhou a contar do Sol. Planeta azul. Tudo nomes dados a um pequeno calhou no meio de muitos outros que também só têm um papel insignificante no vasto espaço que nos rodeia.

Nome ridículo este o do planeta Terra.

Todos os outros oito planetas têm nomes importantes, grandiosos. Nomes divinos da antiga idade clássica. Quando afinal o nosso planeta é o único que contém algo de “divino” e chamado de algo que nos garante a continuidade –Terra.

Porque se chamará assim se nem foi na terra que a vida teve origem? Somos seres evoluídos que da água surgimos e à terra nos adaptámos. Talvez seja por isso que o nosso planeta azul se chame Terra. Com efeito, só somos o que somos porque a Terra existe.

Por causa da terra podemos alimentar-nos, dormir, andar, viver e podemos mostrar o quanto evoluídos nós somos.

Terra! Mas afinal esta fonte de vida não ocupa o planeta todo, quanto mais o Universo escuro e amplo.

Marte tem terra e não tem vida. Pelo menos não tem vida tão notável e de fácil identificação como a que nós temos no nosso planeta. Mas, visto que a nossa tecnologia só está na sua infância nunca se sabe que segredos esconde o Planeta Vermelho.

Talvez seja por isso que à terra se dá o nome de Terra e aos outros todos se dão nomes de Deuses Gregos.

De facto, todos os planetas do nosso Sistema Solar, excepto a Terra, têm nomes de Deuses porque, tal como os Deuses, residem no céu.

A Terra tem o nome que tem porque para nós terra é algo de concreto, que se vê, toca, se desfruta e o mais importante: foi algo de essencial para a nossa origem e determinante para o nosso futuro.

Mesmo assim, Terra é um nome vago, e pouco imaginativo. E afinal também reside no céu.

Se Deus o quisesse, e se nós o tivéssemos feito, talvez este pequeno planeta se chamasse Água. Água por ser a génese da vida.

O Homem tem por hábito acreditar apenas no que vê, portanto se ligarmos a vida existente neste Sistema Solar à nossa terra, então talvez o nome Terra não seja uma denominação ridícula e limitada.

Que espírito crítico este! Porque me limito a pensar em nomes, quando é o que existe dentro que importa? Esta limitação não se dá só na denominação dos planetas, dá-se também em tudo o que é vida no planeta em que nós vivemos. Que raça a nossa!

Talvez haja mais “Planetas Azuis”, e talvez estes também “tenham vida”, mas como este Planeta Azul chamado Terra nenhum pode existir, porque foi a nossa imaginação, as nossas crenças e os nossos actos que fizeram da nossa terra, a Terra do grande e infinito espaço.

Diogo Martins, 10º A

Abraço distante

Sentimentos. Sentimentos, fazem-me lembrar a minha avó que neste momento está num mundo distante.

Não a conhecia muito bem. Talvez porque ainda era uma garota e ainda não entendia bem como é que as coisas funcionavam neste mundo. Lembro-me de ir tomar o pequeno-almoço com ela. Por vezes, ela levava-me para a creche, arrumava a minha malinha e íamos até ao jardim divertir-nos. Mesmo assim, esta avó parecia ser muito fechada e calada. Era raro ela ralar comigo, não porque eu me portava muito bem, mas sim porque era difícil ela sentir-se aborrecida com alguém. Dava-me sempre tudo o que eu queria. Eu procurava sempre saber o que ela guardava no coração. Para mim, ela era uma avó muito especial. Havia algo de diferente nela.

Apesar de viver tão pouco tempo com ela, sinto-me “orgulhosa” por ter sido a única neta que ela conseguiu conhecer.

Não sei quando, nem sei como, só sei que

aconteceu num dia de Inverno. Numa noite de intensa chuva, algum familiar ligou a dar uma desesperada notícia que, de facto, já era de esperar. Eu já estava preparada para aceitar a realidade pois ninguém podia impedir o destino. A verdade é que a minha avó já estava a sofrer há imenso tempo de uma doença incurável.

Se me pedissem para descrever a sensação que tive quando olhei pela última vez a face da minha avó, seria muito difícil, mas eu tinha a certeza de que depois daquela noite, todas as dores iam desaparecer...

Eu não chorei, se calhar porque ainda era pequena demais para compreender a perda de uma pessoa importante.

Sempre achei que a partida da minha avó para um outro mundo, distante, seria melhor do que permanecer cá em constante sofrimento. Apesar de ela estar tão longe, sinto, de vez em quando, o abraço suave dela.

Laurinda Pereira, 12º A

Um dia nas nossas vidas

Segunda-feira, 7:50 da manhã! Devido a “problemas de adolescentes” não tinha trabalhado durante o fim-de-semana para o teste que ia ter e tinha ido para a cama no domingo zangado comigo e com o mundo a pensar como a vida é injusta e como não existe Deus nenhum a proteger ninguém.

Lembro-me de ouvir a minha mãe histérica a correr dum lado pró outro a gritar “Ó To zé, ó Tozé, ai que eu adormeci! Despacha-te que já vais chegar atrasado ao teste!”.

Lá me levantei um pouco apressado mas sem pressa, afinal de contas, não tinha estudado puto para o teste de Matemática e já sabia a nota que esperava, nota que me levaria a um eventual chumbo.

Vesti-me, calcei-me, agarrei num pão com chouriço e saí da porta fora rumo à paragem.

Mal chegou o autocarro apressei-me a entrar mas muito estranhamente as mesmas pessoas que tentavam há poucos instantes entrar no autocarro ficavam agora à porta a olhar especadas, não sei para o quê enquanto eu vasculhava os meus bolsos a ver se encontrava o raio da carteira. O problema é que é na minha querida carteira que eu guardo o meu passe de autocarro e todo o meu dinheiro. Foi no mesmo momento que eu “pensei” em voz alta: “mas como é que eu vou explicar ao condutor que não tenho nem passe nem dinheiro?”. Logo após ter dito isto ouvi uma voz a vir da direcção do condutor: “Deixa estar que não vais precisar disso para onde tu vais”.

“Um condutor de autocarro em Macau que fala Português?!” pensei eu, “Que estranho!”. Mal o ouvi virei a cara para ver se não se tratava de um português que por algum motivo tinha escolhido condutor para sua profissão quando para meu espanto vejo um gato gordo, às riscas e com uma gigante cartola em cima da cabeça e com o maior sorriso na cara que já alguma vez tinha visto, a conduzir o autocarro!

“Estou a alucinar!” pensei. Virei-me para a traseira do autocarro que parecia tão cheio quando o vi a chegar à paragem e para meu espanto... nada! Completamente vazio!

“Não te preocupes” disse-me ele, “só vamos



O espaço diminuiu à minha volta. Todo o meu mundo rodava num turbilhão. Assustei-me. Pressenti que algo de muito estranho estava para acontecer. A névoa, que habitualmente me envolvia, tinha um tom medonho: *flashes*, luzes, rodopiavam agressivamente à minha volta em vermelhos e roxos. Continuava a rodar sem parar. Sons estranhos ecoavam na semi-escuridão. Tentei virar-me, endireitar-me, mas não consegui. Desequilibrei-me. Sentí que ia cair. Parecia que todo o peso do meu corpo se concentrava na

dar uma voltinha”.

“Uma voltinha?! Porquê?! Aonde?!” respondi eu.

“Não te assustes. Olha!” disse-me ele fazendo sinal para olhar em frente.

Que espanto! Íamos em frente e todos os carros que pareciam estar à nossa frente deslizavam que nem líquido pelas bordas do autocarro mal estes lhes batia na traseira. Nunca passei a bicha para a ponte tão rápido.

Mal entramos na ponte fui imediatamente assombrado por um sentimento que me dizia que algo não estava bem. Olhei bem e disse com espanto “Estamos na ponte sobre o Tejo!”.

“E...?!” respondeu-me o gato com espanto.

À medida que ia olhando pelas janelas ia vendo não só paisagens lindas como também esquisitas. Campos de flores, peixes a voar, mas o que mais me marcou foram as imagens voadoras que iam sendo lentamente ultrapassadas pelo autocarro. Imagens de momentos felizes da minha infância seguidos de imagens de meninos em países de terceiro mundo a morrer de fome, a serem espancados, abusados.

Mais uma vez virei-me para o gato e perguntei-lhe “Mas como?! Porquê?!”.

“Como... já vais descobrir. Enquanto que porquê...? Chama-lhe um favor não devido. E agora deves-me tu mais um.” disse ele, olhando para à frente e repetindo “Olha!”.

Olhei para a frente e vi um clarão súbito de luz que foi diminuindo até que eu me apercebi que estava deitado a olhar para o tecto do meu quarto.

Olhei para o lado e estava a minha mãe sentada ao computador a escrever. Lá fora estava um temporal medonho.

De repente a minha mãe notou que eu estava acordado, virou-se para mim e disse: “Olha quem já acordou! Mas podes voltar a dormir. Está tufão 10 e a escola foi cancelada. Não te esqueças de estudar Matemática já que não fizeste nada senão cara de mau durante todo o fim-de-semana”.

Foi aí que percebi que se calhar... se calhar, há mesmo um Deus a proteger cada um de nós.

António Espadinha, 12º A

minha cabeça. Sons estranhos continuavam a ecoar por todo o lado enquanto o meu mundo estremeia em estranhas vibrações, expandindo-se e contraíndo-se. O ambiente tornara-se insuportável, asfíxiante; a atmosfera pegajosa. Quis gritar mas não consegui. Subitamente todo o meu ser se projectou num vazio em queda desamparada. A velocidade aumentava cada vez mais. Envolveu-me um clarão imenso. Gritei. Nasci.

Sandra Rodrigues, 12º A



O rato

O rato é um animal.

O rato é prateado e cinzento.

O rato come o queijo e roe a couve

O rato assusta o cavalo



Tiago, Frederico, Elmat e Daniel, 1º A

Visita de estudo ao Museu de Macau

Hoje, 23 de Fevereiro, a nossa turma e os colegas da turma "A" fomos visitar o Museu de Macau.

O Museu de Macau fica localizado na Fortaleza do Monte.

A entrada está dividida em duas secções (ocidente e oriente).

Vimos um placard com uma exposição de colares antigos, onde está um colar em ouro que se chama Rosário; a representação de Jorge Alvares e outros dois portugueses; deuses chineses e budas chineses; a representação da antiga baía de Hac Sá com bonecos em miniatura...

Num canto, uma televisão pequena mostrava-nos as moedas chinesas que se usavam antigamente.

Depois do grande incêndio que destruiu a Igreja Madre de Deus, no século XIX (ano 1835) deixando apenas a fachada exterior que é conhecida por "Ruínas de S. Paulo" ficou ainda

um sino de bronze fundido que agora está exposto neste Museu.

A parte mais atraente é a montra onde puseram as loiças antigas e bonitas, usadas por famílias macaenses e dentro delas comida típica macaense (feita de cera).

Além disto, vimos também algumas construções portuguesas: biblioteca de Macau, Clube Militar e as casas antigas da Rua do Campo.

Numa outra secção, encontrámos a história do fabrico de panchões, de fósforos e salga e seca de peixe.

Há ainda um anfiteatro que projecta um filme sobre a vida dos pescadores de Macau.

Acabámos a visita ao Museu e como este está perto do monumento mais famoso de Macau, as "Ruínas de S. Paulo", nós deslocamo-nos até lá e fizemos uma ligeira visita à parte exterior. Seguidamente regressámos à escola de carrinha que já estava à nossa espera.

Josélia Lea, 3º B



A minha casa



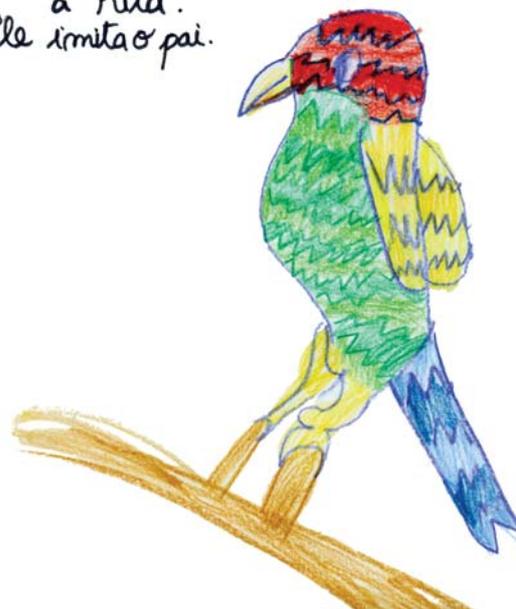
Eduardo da Silva Bento, 1º A

O papagaio é uma ave

Ele tem cores: Verde, vermelho, amarelo e azul.

O papagaio tem um bico dourado.

O pai deu o papagaio ao Rui e à Rita.
Ele imita o pai.



Henrique, Daniela, Eduardo, Pedro Gonçalves, 1º A

Uma aventura dentro do computador

O cão
O Eurico leva o cão à rua.
O cão é dele.
A Magda dá água ao cão.
Ele come osso.
O Eurico é amigo da Magda.



Magda, Jaquelina, Tiago e Raul, 1º A

O cavalo
O cavalo é do Leo e do João e do Ling
e da Carolina.
O João e o Leo vêem o cavalo na
relva.
O João dá esmida ao cavalo.
Eu vejo o cavalo e o pastor.
A Carolina faz festas ao cavalo
O Pedro lava o cavalo.



João, Leo, Pedro Ling e Carolina, 1º A

Um dia Daniela, Cláudia, Ana Filipa e Ricardo combinaram ir a casa do António.

Quando chegaram este perguntou-lhes:

- Vamos jogar computador?

- Sim!! Responderam as quatro visitas.

Então o António pôs o jogo e estranhou pois o jogo não andava.

A Daniela tirou o disco e disse que o disco estava estragado.

O António pôs o disco na caixa e disse para si próprio:

- Que pena! Era o meu jogo preferido. Mas deixa lá, pode haver jogos mais divertidos!!!

Ao saírem do escritório, o computador puxa-os lá para dentro.

António diz muito espantado:

- Que engraçado! A final não era o disco. Era o computador!!!

O computador começa a falar e diz:

- Se me ajudarem tenho uma surpresa.

Eles perguntaram ao computador o que era preciso para o ajudar.

E o computador disse:

- Só precisam de dizer sim senhor, sim senhor.

Os cinco começam a fazer o que o computador lhes disse para receberem o presente. Quando o computador começou a ficar bom, agradeceu.

- Muito obrigado. Vocês merecem, por isso vou dar-vos o presente.

O presente é uma disquete do vosso passeio dentro de mim. Mas, antes disso, vou levar-vos

à cidade computador.

Os cinco disseram:

- Muito obrigada, nós aceitamos o seu presente.

Ana Filipa disse ao computador:

- Olha quando nós formos embora, não dás só uma disquete. Chamas um de cada vez e dás uma a cada um, OK?

E o computador respondeu-lhe:

- OK Ana Filipa, mas como tu és muito simpática, eu dou-te uma especial. É uma que tem as fotos que vamos tirar agora.

O António como estava a achar a conversa longa, perguntou à Ana Filipa o que estava a dizer ao computador. E a Ana Filipa, fazendo algum mistério, disse que era surpresa. Lá foram todos tirar as fotos prometidas e foi muito divertido.

No fim o computador chamou um para dar a disquete... mas entretanto lembrou-se de uma ideia mais interessante. Pegava em cada um e ia-o atirando para fora de si próprio e a disquete ia ter com eles à cadeira.

Quando chegou a vez da Ana Filipa disse-lhe:

- Eu vou mudar de lugar com o teu computador e dou-lhe os meus programas. Assim, sempre que quiseres eu faço-te os trabalhos de casa. É só dizeres o que queres e eu faço-te. Se quiseres fazer uma composição, eu invento e tu escreves, OK?

E a Filipa, piscando o olho, disse:

- OK.

Ana Filipa Baptista, 3º B



The Meaning

“Living with pleasure, love, respect, understanding, forgiveness... If you can do all those things, then you will have a true happiness.”

Brigite

“To live with happiness you must appreciate your life and care about others.”

Cláudia

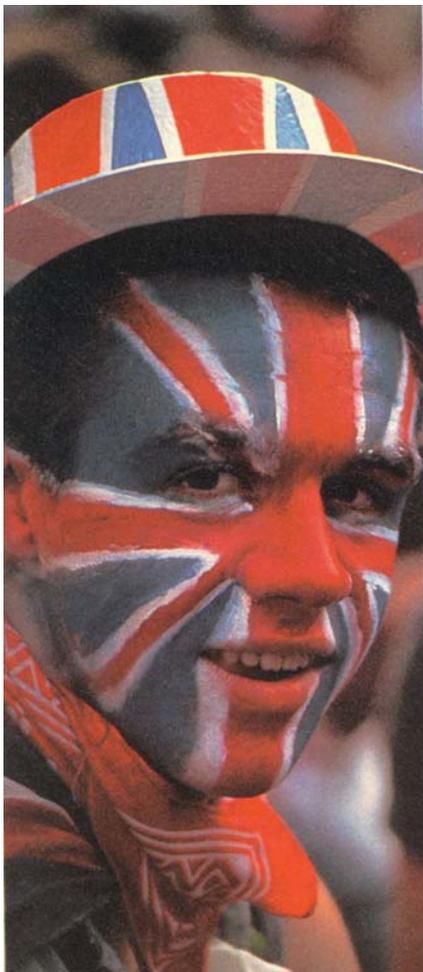
“We have to choose the right way to live a good life.”

Leila

“What’s life? Is it an object? Is it a feeling? In my opinion, it’s something you can’t describe and you’ll just have to live and learn with each and every day, hour and

minute that passes. It’s just something you look forward to know the meaning, but you never get so far...”

José Pedro



of Life

“That was the most beautiful and thrilling experience of life I’ve ever had. In those warm, crystal clear waters, there was the most silent form of life. Under water it seems that you’re swimming and flying at the same time with the fish. I saw those breathtaking corals and those rainbow coloured fish. (...) To describe life, you have to experience what Nature has to give you.”

Alexandre

“We can still appreciate Nature as it was thousands of years ago. Not in terms of species, but in terms of companionship, beauty and relaxation...”

Ricardo

“Life is hard to define. There are people who share their lives with Nature and help create a better world.”

Maria João

“Life is a lesson. It’s a blank book on which you write your lesson, your teaching, your beautiful and simple but magnificent world. So, if life is a lesson, then learn it! Appreciate your love’s touch, your bird’s peaceful sound and most of all, love those things that seem meaningless and simple because maybe, just maybe, on a bigger wider plan, those little things can be your ticket to signing the best book of all times – your life, your lesson, your adventure...”

Love life, so it can make you happy and full of wonders.

Live those little moments.

Feel those little thoughts.

Be one with the nature that surrounds you.

LOVE LIFE! LIVE IT!”

Diogo Martins

“If forests are destroyed, the environment will become worse too. Because I feel nature and life have a close relationship, that means good nature gives us good life.”

Marília

“What is life? Well, I’m not religious but I think that after the Universe (and with it the Earth) was created, it was possible for life to appear. So, maybe life is the act of exploring and enjoying the Universe.



In this context, man appeared one or two million years ago. Between that time and maybe the time when man started domesticating animals for his survival, human beings enjoyed the Universe like all the other animals. But beyond that date, man started what can be seen as a new way of enjoying life that involves the appropriation of Nature by man. Whether it’s moral or not is another question, but the fact is that man did that and still does, because he wants to survive.”

Renato

Excerpts from some students’ essays on “The Meaning of Life” – 10º A

POETRY

Me...

I’m not tall but I’m not short.
I’m not fat but I’m not thin.
What am I, what am I not?

Mariana, 7º A

Colour Poem

Blue is the colour of the sky
Blue is the smell of the ocean
Blue is the feeling of loneliness
Blue is the sound of the wind in the sky
Blue is the colour of the ice
Blue is the colour of the stars
Blue is my favourite colour

Joana, 7º B

Poem

I tried to remember...
How did I grow?
Was it fast, was it slow?
I tried to remember...
But in my head there’s nothing at all.
Sometimes I think... Is my head a ball?

André Schmidt, 7º C

Le malaise de la France avant la Révolution

Plusieurs sont les causes qui ont conduit la France à la Révolution de 1789.

Ce qui a conduit la France à la Révolution a été l'ensemble de graves problèmes que la France supportait: des problèmes d'économie, des problèmes sociaux et de l'incompétence du pouvoir politique.

Comme la société de l'époque était divisée en trois catégories sociales (la noblesse, le clergé et le peuple) c'était seulement le tiers état le seul à être obligé au paiement d'impôts et année après année, cette obligation en est devenue insupportable. Pour le peuple, le tiers état, qui correspondait à plus de 90% de la population, la faim et la misère augmentaient de plus en plus, tandis que les classes privilégiées, comme la noblesse et le clergé, vivaient dans l'ostentation et le luxe. Du reste, le peuple était las de l'injustice du système féodal de l'ancien régime et de l'arbitraire royal.

Ce sont ces causes-là et encore beaucoup plus d'autres (environ 50.000 présentées dans les Cahiers de Doléances*) qui ont conduit le peuple français à l'inévitable révolution qui a donné la liberté et l'égalité à tous les français et qui reste comme un exemple pour l'Humanité, malgré toute sa violence qu'on ne peut pas oublier.

*Cahiers de Doléances - cahiers où étaient consignés les protestations et les souhaits du peuple

Francisco Cabelreira, 12^o F

tempusmodus@hotmail.com

Lx, 22/01/2001
Segunda-feira, 8:23 AM

Passageiro em Contratempo

Se o tempo fosse de facto o que fazemos dele, dir-se-ia que os lisboetas são senhores do tempo... a avaliar pelo semblante (sobre) carregado daqueles que entram e saem das carruagens do metropolitano... como se a cada minuto correspondesse uma tarefa inadiável de tempo inextensível. As horas por dormir também não ajudam, instalando-se confortavelmente sobre as pálpebras... onde aos olhos de outros aparentam ser mais preciosas do que seriam se tivessem sido bem dormidas. O desfile de carrancas prossegue ao longo de mais quatro estações, interrompido esporadicamente por um ou outro palminho fresco de cara, totalmente a despropósito. O sorriso dos sem-compromissos atinge-nos sempre num ponto nevrálgico. Lembram-nos de como somos escravos, e não senhores, do Tempo.

Estação terminal. Levantar: 1 segundo. Alcançar a porta: 4 segundos. Chegar às escadas sem atropelar os demais passageiros: 11 segundos. Um passo em falso e perde-se seguramente a correspondência com a outra linha... é urgente chegar, ainda que não seja esse o desejo. Ninguém o comenta em voz alta para não atrasar o próprio silêncio que os acompanha... quem o diz acaba por ser o coro de passos que murmura ao longo do cais, solta o seu eco dissonante enquanto sobe as escadas e o tom, arrasta-se até ao encontro de um destino que nunca é destino... chegamos apenas para partir de novo.

Entretanto sucedem-se as escadas e passadeiras rolantes... metáforas do próprio Tempo. É altura de abandonar o *cliché* dos grãos de areia, os tais que se escapam inevitavelmente por entre os dedos que os estrangulam em vão desespero. Porque o Tempo ultrapassa-nos, é ele que nos envolve no seu seio e nos estrangula. A situação do Homem no Tempo é a de quem se vê movido por uma força de sentido único, invisível e intocável, que sustenta a mente e deixa o corpo entregue à sua inércia. Tal não impede, porém, o seu avanço compassado e ininterrupto pelos trilhos do Tempo; do Homem depende tão-somente a manipulação da própria percepção.

Nem a propósito, um grupo de rapazes entretém-se a galgar os degraus da escada rolante, em direcção ao cais. A certa altura, dão por eles já perto do fim. Começam então

a andar em sentido contrário, mas tudo o que conseguem é permanecer no mesmo ponto. Assim acontece quando tentamos uma caminhada inglória para trás no tempo: ironicamente, os passos fixam-nos num presente sucessivamente pisado e repisado... e a partir de um dado momento, todos os instantes confundem-se, cópias de um só, cheirando e sabendo ao mesmo... nada muda para além do crescente desgaste que acusam todos aqueles que contrariam a corrente. Ceder a ela... todos o fazemos, inevitavelmente e em harmonia com a tão evocada ordem natural das coisas... e se a ela acrescentarmos acção própria, a jornada finge-se breve... tão breve que custa acreditar que a vida é longa demais.

De novo, o coro de passos acelera o ritmo em direcção ao comboio, que os aguarda pacientemente até ao limite de quinze segundos. Os que à partida não desistem precipitam-se pela escadaria abaixo... porque apesar de tudo não nos resignamos à simples condição de passageiros do Tempo... ao fim e ao cabo, quem é que gosta de estar só de passagem?

Chegando à superfície, já não se navega pelo Tempo. Corre-se contra ele. Em cada mente um rol de tarefas a executar até ao fim da manhã, do dia, da semana, do mês... a lista pena nos ombros, comprime as téntricas e anestesia toda e qualquer disponibilidade extra. Mas nada de faz de uma só vez... nada se cumpre melhor ou pior consoante pensamos mais ou menos vezes na sua fatalidade... nada pode ser satisfeito sem ser feito, e o fardo diário de tudo o que ainda não existe só serve para adiar a concretização. Ninguém veio a este mundo para pensar em absolutamente tudo, e no entanto todos o tentam como se se tratasse de um imperativo orgânico. "Não consigo evitar..." Difícil será para esses imaginar sequer a mais ínfima fracção de tempo sem compromissos.

Finalmente, o suposto destino. Os olhos, embaciados com os vapores da angústia, pouco ou nada registaram da viagem em si. Pelo caminho terão ficado alguns instantes mágicos, em que nada mais havia para além do belo, do insólito, do curioso, do revoltante... do cómico ou do trágico. Ou talvez de ambos. Tivessem sido capturados, e poderia ter havido não outro Tempo, mas outros tempos. Cada qual faz a viagem do modo que lhe aprouver.

Tempo... não é o que fazemos dele... pois desta milagrosa panaceia apenas estamos encarregues do efeito de placebo.

Isis SM (ex. jornalista do T&M, actualmente na Faculdade de Medicina de Lisboa)

Perfil



• José Ribas • 21 anos • 11º ano •
Jogador de Hóquei • Campeão

José Ribas faz parte da selecção de Hóquei em campo de Macau há quase três anos, mas pratica este desporto já lá vão nove.

Começou a jogar no campo do Tap Seac apenas por diversão, mas, à medida que o tempo foi passando, foi desenvolvendo um gosto especial por esta modalidade, que pratica até aos nossos dias.

Já representou Macau, jogando fora do território, quatro ou cinco vezes, tendo a última deslocação sido ao norte da China, concretamente à cidade de Dahlin. No próximo mês de Maio a selecção jogará nos Jogos de Arafura, que se realizarão em Darwin, Austrália.

A selecção é constituída por 16 jogadores e, nela, Ribas tem o papel de defesa (“full back”); treinam quatro vezes por semana para manterem o seu estatuto de campeões.

Na opinião do nosso entrevistado, o hóquei não é um desporto violento, sendo parecido com o futebol e diferenciando-se apenas no facto de se jogar com um stick em vez de se utilizarem os pés.

Segundo Ribas, o hóquei em campo é um desporto fácil de se aprender e jogar, mas difícil de se jogar bem.

Ana Carolina (T&M)



José Ribas junto de sua equipa de hóquei

Welcome, Londres 2000

Durante toda a controvérsia que houve no hóquei em patins em Macau, devido à mudança de treinadores, pensei que não iria ser seleccionado para a equipa que ia participar no Campeonato Mundial de Hóquei em Patins 2000, Grupo B, em Londres.

Com todo o meu esforço e amor ao hóquei, consegui entrar na selecção o que me deu muito orgulho não só a mim, como à minha família, amigos e colegas de equipa que sempre me ajudaram.

A partida para Inglaterra estava marcada para o dia 7 de Dezembro de 2000.

Dia 10 tivemos o nosso primeiro treino para experimentarmos o campo, que era novo. Foi um treino ligeiro onde aprendemos a tática do “galo”.

No dia seguinte, estreámo-nos no campeonato contra a África do Sul e sofremos a primeira derrota

No dia 12 jogámos com a Nova Zelândia e empatámos; eles pareciam-se mais com jogadores de rugby.

No dia 14 defrontámo-nos com a Índia e derrotámo-la por 16/8. Pode dizer-se que foi um jogo fácil e serviu para rodarmos a equipa toda e melhorar a nossa auto-estima. Mas, no dia seguinte, voltámos a perder,

desta vez com a Áustria por 9/4.

No último dia do torneio, lutámos pelo décimo lugar com o Japão, mas este vencemos em campo por 3/2. Mais tarde jogava-se a final entre a Inglaterra e a Holanda de onde saiu vencedora a equipa da casa.

Passado o torneio e depois da cerimónia de encerramento e entrega de prémios, regressámos ao hotel onde nos esperava uma mega festa.

Nas vésperas de partirmos, resolvemos ir às discotecas de Maidstone. Uns bem vestidos, outros nem por isso, preparávamo-nos para conhecer a noite.

Um desastre! Fechavam todas à 1:00 da manhã e só deu para entrarmos em algumas.

No dia 19 visitámos a cidade de Londres: o British Museum, Piccadilly Circus, Buckingham Palace, o Big Ben, London Bridge, foram alguns dos locais que conhecemos. Foi divertido esse dia, mas Londres é um poço sem fundo e muito ficou por ver.

No dia 20 estávamos de regresso a Macau. Senti-me triste porque não me queria vir embora. Esta foi uma experiência que nunca esquecerei na minha vida. Com isto pretendo dizer que foi um espectáculo.

Alexandre Torrão, 10º A



A Selecção de Hóquei de Macau

Torneios do 10 de Junho

Os II Torneios do 10 de Junho estão em marcha e este ano será realizado em dois momentos diferentes. O primeiro momento já está a decorrer, nas modalidades de Futebol de 4 e Voleibol de 4, estando inscritas respectivamente 30 e 16 equipas. O segundo momento terá lugar no terceiro período, nas modalidades de Andebol de 5 e Basquetebol de 3.

Convívios Desportivos Inter-Escolas

Durante os meses de Dezembro e Janeiro, realizaram-se vários convívios desportivos com escolas de Macau, nas

modalidades de Futebol, Voleibol e Basquetebol.

Assim, tivemos a honra de receber a Escola Luso-Chinesa de Coloane, a Escola de S. José, a Escola Cham Son e o Canadian College.

João Fonseca (Delegado de Educação Física)



As equipas da E.P.M. e da Canadian School

Macau e Portugal estabelecem intercâmbio escolar

Torres Vedras,
11 de Dezembro de 2000

Olá, amigos do 5º B

Nós também somos alunos do 5º B e estudamos na Escola E.B. 2,3 Padre Francisco Soares. Somos 25 alunos, catorze rapazes e onze raparigas. Temos todos entre 10 e 14 anos.

Gostaríamos muito de receber informações sobre o que fazem na vossa escola.

Querem ser nossos correspondentes?

Nós vamos enviar-vos um postal de Natal.

Cumprimentos da turma do 5º B

**Olá
Pessoal**

Macau,
19 de Fevereiro de 2001

Olá, pessoal

Nós somos do 5º B, como vocês já sabem e da Escola Portuguesa de Macau. Na nossa turma somos 23 alunos dos 10 aos 12 anos.

Nós vamos escrever-vos sobre o Ano Novo Chinês, uma festa engraçada, diferente e budista.

Macau é uma terra muito bonita, ainda mais quando está iluminada, por causa do Ano Novo Chinês.

Gostámos muito dos vossos postais de Natal, estavam muito giros. Esperamos que também gostem dos nossos!

Os nossos melhores cumprimentos.

Mariana

João e Inês

A acompanhar a carta seguiu um texto escrito pelos alunos do 5º B onde se explicam as várias tradições do Ano Novo Chinês.

O Ano Novo Chinês é a mais importante festividade de Macau.

Este ano, em Janeiro, nos dias 24, 25 e 26 festejou-se a entrada no Ano da Serpente.

Na véspera do Ano Novo os chineses limpam, cuidadosamente, as suas casas e enfeitam-nas com flores de pessegueiro, tangerineiras e crisântemos para trazer sorte e amor.

As ruas ficam todas iluminadas com lanternas de papel de seda de todos os feitios e cores e grandes faixas vermelhas com letras douradas são colocadas

de um lado ao outro da rua e nelas se escreve KUNG HEI FAT CHOI.

No primeiro dia do Ano Novo as pessoas costumam ir aos templos, sobretudo ao templo de A-Má e ao Kun Iam Tong, pedir sorte saúde e dinheiro. Aí se queimam pivetos e panchões.



Os alunos do 5º B

Os panchões são sempre vermelhos e dourados e quando rebentam fazem muito barulho para assustar os espíritos maus. Também trazem sorte, fortuna e longa vida.

No segundo dia, normalmente, a família junta-se para almoçar comendo algas (fat choi), ostras secas (hou si), bebinca de nabo (lou pa cou) e sopa de barbatana de tubarão

(ui tchi tong). No terceiro dia, todos os chineses saem para ver a espectacular dança do dragão, executada em honra dos deuses. Na China antiga, o dragão era considerado um animal amigável estando associado com a longa vida, a boa fortuna e a chuva.

Durante a época do Ano Novo Chinês, os casados, dão aos solteiros envelopes vermelhos com dinheiro, os lai-sis.

Texto colectivo de 5º B

Cá eles são mais amigos

Opinião

Foi com grande tristeza que Carlos Freitas, ex-aluno de E.P.M., que nasceu e sempre viveu em Macau, partiu para Portugal em Setembro de 2000.

Apesar de não esperar ser tão fácil a adaptação ao país e principalmente o enquadramento num novo grupo de amizades, Carlos não esquece Macau. As saudades das pessoas, da comida e da cultura já são muitas. As principais diferenças entre Portugal, Macau e os seus habitantes estão na língua e na maneira de ser das pessoas. Quanto aos colegas, ele acha que levam os estudos demasiado a sério, talvez devido à forte concorrência para a entrada na universidade. Afirma ainda que a relação professor-aluno é diferente. “Cá eles são mais amigos. Os alunos da E.P.M. têm sorte em estarem numa escola com tão boas condições e com professores tão bons”.

Nos seus projectos para o futuro, Carlos deseja acabar o curso de medicina veterinária em Portugal, fazer um mestrado nos E.U.A. ou em Inglaterra e, mais tarde, ir viver para qualquer sítio do mundo excepto Portugal, de preferência Macau, pois aqui sente-se em casa.

Pretende regressar o mais depressa possível à sua terra, pois “não há nada no mundo igual a Macau. Macau é especial.”

Francisca (T&M)

Parabéns a você

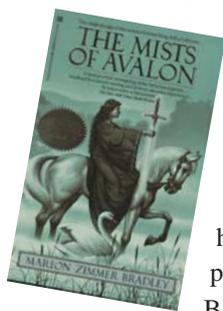


Parabéns à aluna Erica da Conceição do Rosário, do 5º B, que foi classificada com o 3º prémio do Concurso de Cartas ao Pai Natal, promovido pela Direcção dos Serviços de Correios, no âmbito das comemorações do 117º aniversário da referida instituição.

(T&M)

Livros

Título: **The Mists of Avalon**
(As Brumas de Avalon)
Autora: Marion Zimmer
Bradley



“As Brumas de Avalon” é um livro composto por quatro volumes (I – A Senhora da Magia; II – Rainha Suprema; III – O Rei Veado; IV – O Prisioneiro da Árvore) que traduzem um belo romance alimentado por uma fascinante visão do mágico, do místico, do fantástico das eras perdidas do mito, numa época em que tudo era possível através do poder das mulheres.

Fascínio é o termo exacto para poder caracterizar, o melhor possível, esta apaixonante obra, baseada num tema que desde séculos tem entusiasmado gerações atrás de gerações: a famosa lenda do Rei Arthur e dos Cavaleiros da Távola Redonda.

Mesmo que nada se saiba sobre mitos ou magia, deste livro ninguém sai intacto. Página

após página, apodera-se do leitor um único desejo: o de continuar, mesmo pensando que se sabe o que vem a seguir.

Este livro conta a história de um mundo paralelo a uma Grã-Bretanha celta, a misteriosa Ilha de Avalon (terra encantada que as mulheres governavam pelo seu poder de gerar vida e onde o verdadeiro conhecimento é preservado para as gerações futuras), guardiã de grandes mistérios eternos e sagrados. Mas estes mistérios estão em risco de desaparecer devido ao aparecimento da nova fé cristã que procura espalhar-se e conquistar os territórios.

Os vários acontecimentos deste romance são narrados a partir do ponto de vista de mulheres que, por detrás do trono, foram as verdadeiras detentoras do poder: Morgaine e Gwenthwyfar.

Morgaine é a personagem mais misteriosa

e cativante, é meia-irmã de Arthur e grã-sacerdotisa de Avalon. O seu objectivo vital é afastar a Bretanha da nova religião que encara a mulher como portadora do pecado original.

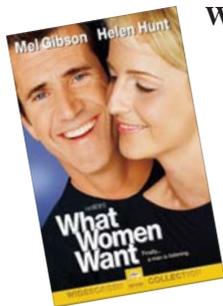
A outra mulher, verdadeira detentora do poder, é a Rainha Suprema Gwenthwyfar, maior inimiga de Morgaine e mulher do Rei Supremo, Arthur. Gwenthwyfar vive dividida entre o dever para com o seu Rei e a sua paixão pelo valoroso e belo Lancelot, o melhor cavaleiro da Grã-Bretanha naquela altura (era também o melhor amigo de Arthur).

Uma das várias razões da grande inimizade entre estas duas mulheres (Morgaine e Gwen) é o facto de a Rainha ser estéril, e por Morgaine ter tido um filho, Gwydion, do próprio meio-irmão, o lendário Rei Arthur, ainda por cima, através de um ritual não cristão.

Por isso, se querem saber mais, não deixem de ler estes quatro volumes repletos de magia e beleza.

Catarina e João, 10º A

Filmes



What Women Want

Freud, durante todos os seus anos de estudo, respondeu a algumas das mais importantes perguntas feitas acerca do homem. A uma, no entanto, acabou por nunca responder:

“O que querem as mulheres?”

What women want é baseado exactamente nessa pequena mas indecifrável pergunta.

Nick Marshall (Mel Gibson) é um executivo no mercado de anúncios que, após sofrer um impensável acidente, começa a ver a vida de uma forma diferente. Finalmente ouve o que as mulheres pensam.

No início, esta «prenda» dá a Nick uma certa dificuldade em encarar as mulheres, pois descobre que as «mulheres pensam o que dizem mas não dizem o que pensam».

Mas, a certo ponto, este sortudo apercebe-se de que, afinal, tal habilidade pode ser usada com bom proveito, não só para si próprio, como para todas as mulheres que o rodeiam. Principalmente quando é preciso deitar abaixo uma chefe (Hellen Hunt) acabadinha de se estrear.

Muitas tentativas passam pela cabeça de Nick (algumas acabando mesmo por se concretizar), mas a certa altura começa a apaixonar-se pelo «inimigo».

Por último, não só se apaixonou loucamente por ela, como acaba por finalmente descobrir «o que as mulheres querem».

Diogo Martins, 10º A

Crestomatia da Literatura Clássica Chinesa



Apresentação do livro na biblioteca da E.P.M.

No dia 26 de Fevereiro teve lugar na biblioteca da E.P.M.

uma pequena sessão de divulgação e oferta à escola de 450 exemplares do livro *Crestomatia da Literatura Clássica Chinesa*, uma antologia compilada por João Correia dos Reis.

Trata-se de uma edição especial, patrocinada pela Fundação para a Cooperação e o Desenvolvimento de Macau, consistindo numa antologia que inclui aspectos da Cultura, História e Literatura Chinesas. Na nota introdutória diz o compilador “Quis o acaso das coisas que fosse aqui em Macau” que se pudesse cumprir um sonho de preencher uma lacuna cultural sentida desde sempre.

O presidente da Fundação, Dr. Elias Ferreira Soares, encarregou-se de apresentar o livro e oferecer um exemplar a cada um dos presentes. Esta Fundação iniciou o seu funcionamento em Outubro de 1998 e tem como finalidade promover acções e actividades de cariz social, académico, filantrópico e “ tudo o que nesta área tenha a ver com a preservação da identidade de Macau”. Cabe neste espaço uma palavra de agradecimento à instituição.

Francisca Beja (T&M)

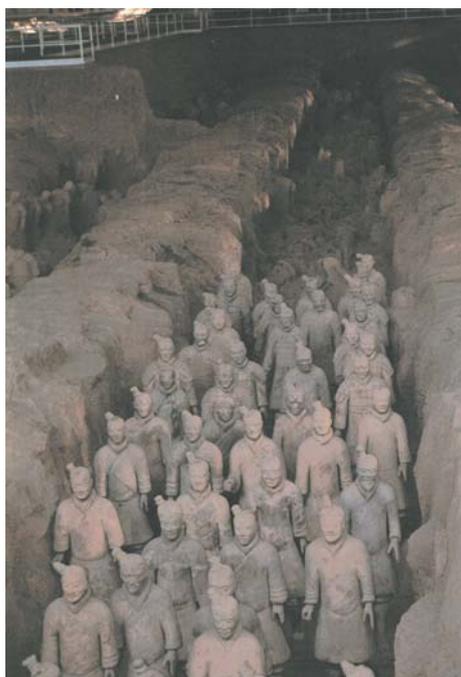
Viagens

Ao encontro da História, um português em Xi'an

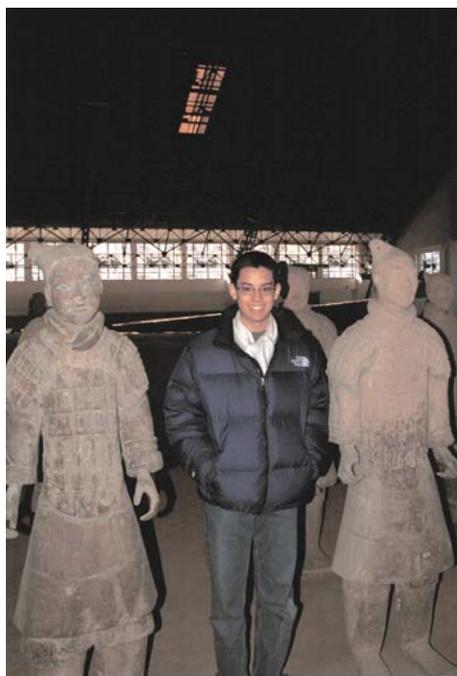
Foi como se estivesse dentro da própria História. Capital do Império chinês várias vezes e um símbolo da História da China e das glórias dos seus antepassados, Xi'an situa-se no centro deste país, nos vales férteis dos rios Wei e o Amarelo, tradicionalmente conhecido por “o início da civilização chinesa”. Actualmente a cidade tem uma população de 6,5 milhões de pessoas.

Há 2000 anos, o Imperador Qin Shi Huang, o primeiro a unificar a China e a criar a Grande Muralha, construiu a sua capital em Xianyang, um pouco a Este de Xi'an moderno. A dinastia Han, que se seguiu, também localizou a capital perto de Xi'an chamando-a Chang'an ou “Paz Eterna”.

Durante este período, Chang'an foi o ponto de partida para as caravanas da rota da seda que ligaram, por terra, o Oriente ao Ocidente. No séc. V, a dinastia Sui reconstruiu Chang'an na zona onde hoje é Xi'an. No séc. VII, a dinastia Tang reinava naquilo que ficou conhecido como a “Idade de Ouro” da China, e Chang'an tornou-se a maior cidade do mundo e a mais cosmopolita, atraindo estrangeiros de todas as partes da Ásia e de outros continentes.



Guerreiros Terracota em Xi'an



Lado a lado com a História

No ano de 1368, o imperador da dinastia Ming alterou o nome da cidade para Xi'an que significava “Paz Ocidental”.

Em Xi'an ainda existe um considerável número de relíquias entre elas a muralha da cidade, os pagodes do Grande Ganso e do Pequeno Ganso e Qing Zhen Si, uma mesquita Muçulmana. Contudo, a atracção mais conhecida em Xi'an são os Guerreiros de Terracota.

Quando há 2000 anos o imperador Chinês Qin Shihuang enterrou, numa área de 20 quilómetros, um exército de mais de dez mil homens e centenas de cavalos em terracota, de tamanho natural, para o proteger durante a sua morte, jamais imaginaria que regressariam “à vida” no século XX. A descoberta, considerada a oitava maravilha do mundo, ocorreu inesperadamente, em Março de 1974, quando agricultores chineses ao abrirem um poço descobriram figuras de barro.

Ao longo dos últimos 16 anos arqueólogos chineses, trabalhando noite e dia, trouxeram de novo “à vida” mais de 300 guerreiros, todos diferentes uns dos outros, 96 cavalos e 11 carruagens.

Tive oportunidade de ver os guerreiros e permitiram-me uma coisa rara e normalmente só autorizada a chefes de estado: descer ao local onde estavam os guerreiros, passear entre eles e tocar-lhes. Foi como se estivesse dentro da própria história. Uma sensação difícil de transmitir em palavras.

Estas férias em Xi'an abriram-me os olhos para o que os homens podem construir quando decidem o seu destino.

Ricardo Sá, 10º A

Sopa de Letras

Identifica na horizontal, vertical, de cima para baixo, de baixo para cima, da direita para a esquerda e da esquerda para a direita, as seguintes palavras:

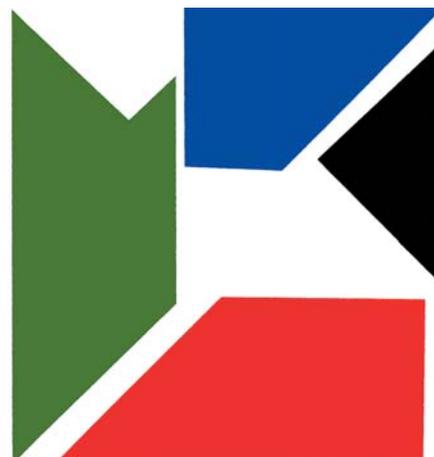
- ALENCAR
- CÔNSUL
- EÇA
- EGA
- IRONIA
- MAIAS
- MANDARIM
- PARIS
- RAMALHETE
- REALISMO

I	V	E	T	E	H	L	A	M	A	R	N
R	P	U	L	G	E	M	P	D	O	J	C
O	A	S	R	A	C	N	E	L	A	Q	M
I	L	T	V	Q	R	E	Z	X	W	A	A
R	O	R	P	P	A	R	I	S	B	F	I
O	J	E	R	T	M	X	H	I	J	L	A
N	U	A	S	R	C	Z	G	C	O	H	S
I	N	L	A	L	B	E	F	D	P	B	I
A	O	I	U	C	O	N	S	U	L	A	E
E	T	S	L	V	F	C	P	H	E	K	C
N	U	M	A	N	D	A	R	I	M	O	A
A	D	O	T	E	G	U	L	T	Q	M	I

O Problema do T

Um problema já antigo mas de difícil resolução que consiste em juntar estas quatro figuras de modo a que formem um “T”.

Boa sorte.



(Soluções na página 27)

passa tempus

Concerto de Solidariedade

Realizou-se no dia onze de Dezembro, pelas vinte horas, no auditório do I.P.M. (Instituto Politécnico de Macau), um sarau com vista à angariação de fundos para crianças órfãs, numa iniciativa promovida pelos alunos do secundário, no âmbito da disciplina de D.P.S. Estiveram presentes alunos, professores, pais e encarregados

de educação que, desta forma, aderiram à iniciativa.

O sarau principiou com uma breve coreografia natalícia, apresentada por alunas do Clube de Dança Moderna, seguida de uma sessão de dança folclórica apresentada pelos alunos do Grupo Folclórico da Escola Portuguesa (1º Ciclo). A noite terminou com a actuação de várias bandas: “Urban Fusion”, “Bad Mojo” e “Hearing Impaired”, que assim fecharam o espectáculo.



João Guedes, (T&M)

Actuação do Grupo Folclórico da E.P.M.

A.P.E.P. traz piloto à E.P.M.

O auditório da E.P.M. foi, no dia 13 de Dezembro, palco de um encontro com o piloto da Air Macau, o Comandante António Geadá; esteve também o Presidente de Associação de Pais e alguns alunos da primária e do 11º ano. Esta iniciativa fez parte de um ciclo de encontros – ciclo profissões – dinamizado pela Associação de Pais.

Durante a conversa foram apresentados alguns slides e acetatos sobre a Air Macau (o mapa da pista, a estrutura e o aspecto dos aviões, a torre de controlo).

O risco que esta carreira envolve não lhe mete medo, embora tenha passado por tempestades e pequenos acidentes que porém não tiveram consequências graves. A sua sensação no momento de voo é muito agradável, embora se sinta, por vezes, cansado com as longas horas de voo.

Para António Geadá, a vida de um piloto é uma coisa maravilhosa.

Manuela e Viviana, 11º A



I.P.M. divulga cursos

No dia 14 de Fevereiro, pelas 16:30h, teve lugar no auditório da E.P.M. uma sessão de esclarecimento levada a cabo pelo Instituto Politécnico de Macau.

Estiveram presentes representantes dos assuntos académicos e professores responsáveis pelas seis escolas superiores que constituem o politécnico: Escola Superior de Línguas e Tradução; Escola Superior de Ciências Empresariais; Escola Superior de Administração Pública; Escola Superior de Artes; Escola Superior de Educação Física e Desporto; Escola Superior de Saúde.

Os professores apresentaram aos alunos presentes a estrutura e duração dos respectivos cursos.

Ana Roque (T&M)

I.F.T. promove Escola de Turismo

Tendo como público-alvo os alunos dos 11º e 12º anos, o Instituto de Formação Turística levou a cabo, pelas 16:30 de 7 de Março último, uma sessão de divulgação dos cursos promovidos no referido instituto.

Coube a Luísa Lam, à Dra. Rosemary Lamas e a uma aluna finalista, a apresentação e divulgação dos cursos. Foi ainda apresentado um vídeo promocional sobre a escola, tendo sido, também, referidas as saídas profissionais que os cursos permitem bem como os requisitos necessários para a admissão.



(T&M)

No Carnaval ninguém leva a mal

A festa de Carnaval, dinamizada pela Comissão de Finalistas, aconteceu no dia 23 de Fevereiro, no Restaurante “O Lusitano”. Os foliões começaram a chegar depois das 21:00 horas, disfarçados das formas mais diversificadas que possam imaginar.

Na nossa opinião as raparigas tiveram mais criatividade do que os rapazes. Temos pena de ter havido pouco esforço na decoração do espaço, e sugerimos que, para a próxima, se preocupem mais em agradar ao olhar dos participantes, pois isso é também muito importante para o ambiente da festa.

Gostávamos de acrescentar que seria agradável uma mudança de música de vez em quando porque a partir duma certa altura esta tornou-se um pouco repetitiva e não muito alegre, o que não recria muito o ambiente Karnavalesco.



(T&M)

Grupo de foliões da festa de Carnaval dos finalistas

Onde está o rolo???



No seu dia de anos, o Rui recebeu uma prenda muito bem embrulhadinha.

O Rui era um rapaz muito esperto, estudioso e que tinha um enorme sonho: ser um fotógrafo profissional, publicar livros e ser famoso.

Apesar de baixo e um pouco franzino, sonhava subir às mais altas montanhas para fotografar as águias, caminhar pelas mais fechadas florestas tropicais em busca de répteis raros e mergulhar a pique nos mais profundos oceanos para fotografar as baleias azuis.

Ah, que felicidade! Finalmente, com aquela prenda fabulosa – uma máquina fotográfica a sério – podia realizar o seu grande sonho.

De repente, sem pensar em mais nada, saiu porta fora, com a máquina nas mãos e dirigiu-se ao jardim municipal da sua vila à procura de assuntos fotográficos.

Estava tão entusiasmado, que até nem viu o tio José que passava no outro lado da rua.

Quando ele chegou ao jardim, viu logo uma lindíssima flor amarela rodeada de abelhas que apanhavam o pólen.

Pegou na máquina, escolheu a abertura e a velocidade, focou e... clic! Tirou a fotografia.

– Boa!... apanhei uma abelha a recolher o pólen! – murmurou baixinho o Rui.

Quando se virou, olhou para cima e viu uma borboleta a voar. Era uma borboleta colorida que até parecia um arco-íris. Então, o Rui pegou na máquina fotográfica, colocou-a num programa automático e foi atrás dela. Quando ela pousou num ramo de uma árvore, aproximou-se devagarinho e, – Zás! –, tirou-lhe duas fotografias seguidas. Com o barulho, a borboleta assustou-se e fugiu.

– Oh! Que pena! Fugiu! – exclamou desiludido o Rui.

Ainda um pouco desanimado com a fuga da borboleta, decidiu prosseguir o seu passeio e dirigiu-se para a margem esquerda do lago.

A certa altura, quando olhou para o tronco de uma árvore, viu qualquer coisa a mexer. Era uma osga, espécie de lagartixa esbranquiçada.

A osga, ao olhar para o caminho, viu também aquele enorme e estranho ser, de cara metálica e nariz comprido e brilhante, com um olho esquisito na ponta, e resolveu trepar ainda mais pela árvore acima.

O Rui, tentando evitar a fuga da osga, foi atrás dela e subiu também. Pendurou-se de cabeça para baixo num ramo, e, naquela difícil posição, procurou encontrar o melhor ângulo para a fotografia.



Curiosamente, a osga, ao ver aquele esforço do Rui, decidiu parar e posar, como se de um modelo profissional se tratasse.

O Rui não deixou de aproveitar a ocasião e tirou logo cinco fotografias seguidas: Clic! Clic! Clic! Clic! Clic!

De facto, o Rui conseguira um enquadramento fantástico e apanhara a osga com a boca aberta e a comer uma mosca.

Satisfeito com a proeza, desceu finalmente da árvore e dirigiu-se para a entrada do jardim.

Pelo caminho, começou a pensar na enorme quantidade de fotografias que tirara.

– Mais de um rolo!... – murmurou o Rui.

De repente, pára. Estático, com uma cara de desânimo do tamanho do mundo, disse:

– Aah! O rolo! Esqueci-me de pôr o rolo na máquina! Tanto trabalho para nada!

De facto, o Rui, com o entusiasmo, esquecerara-se de meter o rolo na máquina fotográfica e... sem rolo... não há fotografias!

Trabalho elaborado pelo 7º C

Soluções:

Sopa de Letras

I	V	E	T	E	H	L	A	M	A	R	N
R	P	U	L	G	E	M	P	D	O	J	C
O	A	S	R	A	C	N	E	L	A	Q	M
I	L	T	V	Q	R	E	Z	X	W	A	A
R	O	R	P	P	A	R	I	S	B	F	I
O	J	E	R	T	M	X	H	I	J	L	A
N	U	A	S	R	C	Z	G	C	O	H	S
I	N	L	A	L	B	E	F	D	P	B	I
A	O	I	U	C	O	N	S	U	L	A	E
E	T	S	L	V	F	C	P	H	E	K	C
N	U	M	A	N	D	A	R	I	M	O	A
A	D	O	T	E	G	U	L	T	Q	M	I

O Problema do T



Última Hora

Ler literatura é uma opção

A Escola Portuguesa teve a honra de receber o Professor Carlos Reis, catedrático da Faculdade de Letras de Coimbra e Director da Biblioteca Nacional de Lisboa, considerado o maior especialista da obra queirosiana. O Professor encontra-se em Macau a convite do I.P.O.R. O encontro teve lugar no dia 12 de Março, no auditório, onde estiveram presentes professores e alunos dos 11º e 12º anos. O tema foi, inevitavelmente, *Os Maias*, obra sobejamente conhecida e mal amada entre a população estudantil. Conheça os pormenores no próximo número do Tempus & Modus.



Se és supersticioso aqui ficam as previsões do Ano da Serpente para os Signos Ocidentais

Capricórnio (23/12 – 20/1)
Grau de sorte * * * *



Neste ano, os capricornianos vão ser muito bons em relações interpessoais e vão conhecer muitos amigos. Do ponto de vista escolar, se tiverem problemas, é melhor perguntarem a amigos “escorpiões”, assim vão obter muitas ideias e informações.

Aquário (21/1 – 19/2)
Grau de sorte * * * *



Os aquarianos, neste ano, vão ser muito fortes nos estudos. Sobre dinheiro, não gastem muito, principalmente em comida, porque neste ano é fácil engordar!

Peixes (20/2 – 20/3)
Grau de sorte * * * *



Neste ano, os nativos de Peixes têm que cuidar mais do seu amor, senão, podem perdê-lo. Não será fácil ganhar dinheiro em jogos como o “Mark-Six” e arriscam-se a perder ainda mais.

Carneiro (21/3 – 20/4)
Grau de sorte * * * *



No ano da Serpente, os Carneiros vão sair muito do seu país e vão ter oportunidade de mostrar os seus conhecimentos. Quanto ao amor, vai ser um bom ano.

Touro (21/4 – 20/5)
Grau de sorte * * * *



Neste ano vão ter muito “stress” nos estudos e, por isso, têm que se descontraír mais. Vão ter muitos problemas no amor. Pensem bem, mas muito bem, e depois escolham.

Gémeos (21/5 – 20/6)
Grau de sorte * * * *



Você tem que estudar mais pelos livros

este ano. Sobre o amor, este vai e vem rapidamente. Vai perder dinheiro por causa duma pequena coisa.

Caranguejo (21/6 – 23/7)
Grau de sorte * * * *



Neste ano, a sorte vai ser muito irregular, ora boa, ora má. Nos estudos vão sentir muita dificuldade. No amor vão sentir-se inseguros.

Leão (24/7 – 23/8)
Grau de sorte * * * * *



Este vai ser o melhor ano para os Leões. Terão boas notas nos estudos e encontrarão um(a) óptimo(a) namorado(a).

Virgem (24/8 – 22/9)
Grau de sorte * * * * *



Para os Virgens, o estudo e as finanças não serão maus. Sobre o amor, tenham cuidado. Aparecerá uma pessoa entre vocês, separando-vos.

Libra (23/9 – 23/10)
Grau de sorte * * * * *



Nas finanças, aparecerão muitas surpresas. Tenha cuidado com a sua saúde. Faça mais desporto para evitar pequenas doenças. Nos estudos, terá sorte nos testes e nas provas.

Escorpião (24/10 – 22/11)
Grau de sorte * * * *



Neste ano, os Escorpiões serão desafiados. Sentir-se-ão fatigados. Mas, como sempre, o resultado será positivo.

Sagitário (23/11 – 22/12)
Grau de sorte * * * * *



Neste ano, não trate o seu amor como “puppy love”. Corre o risco de ficar ferido.

Raimundo Leong, 9º A